

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO



Dissertação

***Entendesse?, Sabe? e Visse? como Marcadores
Discursivos na Fala de Pelotas/RS***

Gedeon Eloeno Rodrigues Messa

Pelotas, abril de 2013

GEDEON ELOENO RODRIGUES MESSA

***Entendesse?, Sabe? e Visse?* como Marcadores Discursivos na Fala de
Pelotas/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração em Estudos da Linguagem).

Orientador: Prof. Dr. Luís Isaias Centeno do Amaral

Pelotas, abril de 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M583e Messa, Gedeon Eloeno Rodrigues
 Entendesse?, Sabe? e Visse? como marcadores discursivos na
 fala de Pelotas/RS / Gedeon Eloeno Rodrigues Messa; orientador
 Luís Isaías Centeno do Amaral. – Pelotas, 2013.
 96 f.

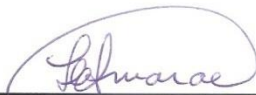
Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e
Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

1. Marcador discursivo. 2. Variação. 3. Perspectiva textual
interativa. I. Amaral, Luís Isaías Centeno do, orient. II. Título.

CDD: 410

Gedeon Eloeno Rodrigues Messa

***Entendesse?, Sabe? e Visse?* como Marcadores Discursivos na Fala de
Pelotas/RS**



Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral
Orientador/Presidente da banca (UFPel)



Profª. Drª. Edair Maria Görski
Membro da banca (UFSC)



Prof. Dr. Paulo Ricardo Silveira Borges
Membro da Banca (UF Pel)

Pelotas, abril de 2013.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me concedido saúde e força espiritual para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

Ao Professor Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral, meu orientador, que com toda paciência esclareceu dúvidas, aconselhou nas decisões, indicou os caminhos a serem percorridos; por todo apoio recebido, tanto profissional quanto pessoal, meu muito obrigado.

À Prof^a.Dr^a. Rejane Flor Machado que – além de ter sido integrante da banca do meu projeto de qualificação – desde a época da especialização, sempre tem contribuído com suas reflexões teóricas, com suas leituras críticas, motivando-me a buscar mais conhecimento.

Ao Prof. Dr. Paulo Borges, por ter sido membro da banca do meu projeto de qualificação, apontando observações importantes para construção do meu trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado – da UFPEL que oportunizou ampliar meus conhecimentos no âmbito dos Estudos da Linguagem.

Aos professores do programa que, com muita sapiência, conduziram suas aulas, em especial às professoras Doutoradas: Cíntia Alcântara, Giovana Ferreira-Gonçalves, Isabella Mozzillo, Letícia Freitas, Miriam Brum-de-Paula, que ministraram as disciplinas obrigatórias e optativas as quais cursei.

Aos colegas do Mestrado com os quais eu tive o prazer de compartilhar conhecimentos.

À minha família: mãe, Singlair; manos – Cristina, Ângela e Kiko; cunhada(os) – Juliana, Everaldo e Gerson; Sobrinhos – Henri, Geiferson, Jady e Gean, obrigado pelo apoio.

Ao Prof. Ms. Jonas Klug da Silveira, grande amigo, que, além de apoio emocional, contribuiu com sua leitura crítica deste e de outros trabalhos.

À Prof^a. Ms. Naulise Gazola, amiga do coração; apesar da distância, sempre presente com seu apoio, seja ele intelectual, ou emocional.

Ao Sr. Edemundo Garcia, meu ex-chefe, que por mais de onze anos na empresa Clacereais mostrou-se um grande amigo, possibilitando-me, desde a graduação, conciliar estudo e trabalho.

Às amigas Iara e Fernanda pela amizade, companheirismo e acolhida.

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e descrever.

William Labov¹

¹LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 18.

RESUMO

MESSA, Gedeon E. R. ***Entendesse?, Sabe? e Visse? como Marcadores Discursivos na Fala de Pelotas/RS.*** 2013. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho tem por objetivo analisar e descrever a variação de Marcadores Discursivos derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver* em duas classes sociais polarizadas (média-alta e baixa), considerando discursos de informantes do Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social (VarX), à luz da teoria da Variação Linguística de Labov e da Perspectiva da Textual-Interativa. A partir da literatura bibliográfica desta pesquisa, os itens *entender*, *saber* e *ver* são considerados como Marcadores Discursivos da Interação. Em vista dos poucos dados existentes, as variáveis linguísticas e sociais não contribuem significativamente para variação desses marcadores discursivos da interação, nem para a variação em relação à concordância do item *entender* (já que foi o único item que sofreu variação em sua forma). Os resultados obtidos apenas sinalizam alguns indícios que vão ao encontro de outros trabalhos sociolinguísticos. Diante disso, o trabalho focou uma análise mais qualitativa dos dados; todavia, o estudo contribui para o melhor entendimento dos fenômenos linguísticos que marcam a linguagem em uso da comunidade linguística de Pelotas.

Palavras-Chave: marcador discursivo, variação, perspectiva textual-interativa.

ABSTRACT

MESSA, Gedeon E. R. ***Entendesse?, Sabe? e Visse? como Marcadores Discursivos na Fala de Pelotas/RS.*** 2013. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This work aims to analyze and describe the variation of Discourse Markers derived from verbs *entender* (to understand), *saber* (to know) and *ver* (to see) in different social classes – upper-middle class and lower class – considering speeches of informants from Social Class Sociolinguistic Database (VarX) based on Labov's theory of Linguistic Variation and Textual-Interactive Perspective. From the bibliographic literature of this search the items *entender* (to understand), *saber* (to know) and *ver* (to see) are considered Interaction's Discourse Markers. In view of the few existing data, linguistic and social variables do not contribute significantly to variation these Interaction's discourse markers, nor for the variation in relation to the agreement of the item *entender* (to understand) (because it was the only item that suffered variation in verbal form). The results only indicate some evidence that it will go to meet other sociolinguistic studies. Thus, the work focused on a more qualitative analysis of the data; however, the study contributes to a better understanding of linguistics phenomena that marks language in use in the linguistic community of Pelotas.

Keywords: discourse marker, variation, textual-interactive perspective.

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise da Conversação

BDS – Banco de Dados Sociolinguístico

C.T.G – Centro de Tradições Gaúchas

GT – Grupo de Trabalho

GTI – Gramática Textual-Interativa (ou Perspectiva Textual-Interativa)

MC – Marcador Conversacional

MD – Marcador Discursivo

NURC - Projeto da Norma Urbana Oral Culta

NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira

PGPF - Projeto de Gramática do Português Falado

RAD – Requisitos de Apoio Discursivo

VarX – Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social

VARSUL – Banco de Dados do Projeto ‘Variação Linguística Urbana da Região Sul’

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 – Os Sinais Conversacionais Verbais, quadro adaptado de Marcuschi (1991, p. 68).....	33
QUADRO 2 - As características dos processos de gramaticalização (HEINE E REH, 1984 <i>apud</i> VALLE, 2001) e discursivização (VICENT et al., 1993 <i>apud</i> VALLE, 2001) – Adaptado de Valle (2001).....	37
TABELA 1 - Adaptado de Amaral (2003)	51
TABELA 2 - Relação de informantes da Classe Social Baixa	51
TABELA 3 - Relação de informantes da Classe Social Média-alta	52
TABELA 4 - Relação do total de informantes pesquisados.....	53
TABELA 5 - Demonstração da quantidade de informantes em relação à produção de MD.....	67
TABELA 6 - Demonstração de informantes quanto à produção dos MDs, observando classe social e gênero.....	67
TABELA 7 - Distribuição dos marcadores discursivos entender, saber e ver na amostra (ocorrências e percentuais).	69
TABELA 8 - Concordância verbal dos marcadores discursivos entender, saber e ver na amostra (ocorrências e percentuais).	69
TABELA 9 - Concordância verbal do marcador discursivo <i>entender</i> em relação à variável estilístico-discursiva assunto (ocorrências, percentuais e pesos relativos)..	70
TABELA 10 - Concordância verbal do marcador discursivo <i>entender</i> em relação à variável sequência discursiva (ocorrências, percentuais e pesos relativos).....	74
TABELA 11 - Concordância verbal do marcador discursivo entender em relação à variável Classe Social (ocorrências e percentuais).	75
TABELA 12 - Concordância verbal do marcador discursivo entender em relação à variável Gênero (ocorrências e percentuais).....	75
TABELA 13 - Concordância verbal do marcador discursivo entender em relação à variável Faixa Etária (ocorrências e percentuais).....	76

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	11
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O ponto de observação.....	15
1.2 Objetivos e Hipóteses	17
1.3 Estrutura do Trabalho	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Sociolinguística ou Teoria da Variação.....	22
2.2 Marcador Discursivo: visitando alguns conceitos	29
2.2.1 Panorama das abordagens dos Marcadores Discursivos, cf. Guerra (2007)	29
2.2.2 Marcadores Conversacionais (MCs)	32
2.2.3 Requisitos de Apoio Discursivo (RADs), concepção de Silva & Macedo (1996) e Valle (2001)	34
2.2.4 Gramaticalização e Discursivização.....	37
2.2.5 Perspectiva Textual-Interativa.....	40
2.2.5.1 Situando a Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual- Interativa (GTI)	40
2.2.5.2 Concepção de Linguagem da Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI)	42
2.2.5.3 Princípios teóricos da Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI).....	42
2.2.5.4 Concepção de Marcador Discursivo segundo a “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”	45
3 METODOLOGIA.....	50
3.2 Informantes.....	51
3.3 Procedimentos de Análise	52
3.4 Envelope de variáveis.....	53
3.4.1 Marcador Discursivo Interacional	54
3.4.2 Variáveis Linguísticas.....	55
3.4.2.1 Assunto.....	55
3.4.2.2 Concordância.....	58

3.4.2.3 Sequência Discursiva	59
3.4.3 Variáveis Sociais	63
3.4.3.1 Classe Social	63
3.4.3.2 Gênero	65
3.4.3.3 Faixa etária	65
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
5 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
Anexos	84

1 INTRODUÇÃO

Há quem diga que a escrita é a representação gráfica da fala e/ou há quem defenda a posição de que se deve falar como se escreve. Entretanto, ao comparar um texto falado a um texto escrito, percebe-se que os elementos e estruturas linguísticas das quais as pessoas dispõem para produzir linguagem funcionam diferentemente nessas modalidades.

Neste trabalho, aborda-se o fenômeno de Marcador Discursivo (MD), voltado mais especificamente para uma análise de texto falado, haja vista que o *corpus* analisado é retirado de um banco sociolinguístico em que os registros são dados reais de fala; todavia, este estudo, em sua revisão bibliográfica, faz menção ao fenômeno no que diz respeito à modalidade escrita. Os MDs analisados são itens derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver*² – *entendesse? entendeste? entendeu? sabe? visse?, etc.*

Desde meados da década de 1980, verifica-se uma expressiva produção de trabalhos que evidenciam a importância do estudo do fenômeno dos Marcadores Discursivos como elementos que subsidiam e operam na organização do discurso (GUERRA, 2007, p. 9). Essa gama de trabalhos tem tratado esse fenômeno de diferentes formas, donde vem sendo sugerida para os MDs uma ampla e variada nomenclatura, como, por exemplo: *marcadores conversacionais*, *operadores discursivos*, *marcadores de estruturação da conversação*, *apoios do discurso* (PENHAVEL, 2005). Nesse sentido, conforme Kodic (2008), a ausência de consenso terminológico pode se dar, também, pelo fato do fenômeno não estar enquadrado nos critérios de classificação das dez classes de palavras propostas pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira).

Empregou-se neste trabalho a Perspectiva Textual-Interativa, ou Gramática Textual-Interativa (GTI)³, abordagem empregada na “Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado”, organização de

²O trabalho buscou verificar Marcadores Discursivos que são derivados de verbos e não verbos; portanto, ao longo do texto os momentos em que são referenciadas as formas *entender*, *saber* e *ver*, em tese está se referindo a alguma forma derivada desses verbos na função de MD. Para o caso de *entender* as formas derivadas são: *entendesse*, *entendeste*, *tendesse*, *entendeu*, *entende*; para *saber*: *sabe*; para *ver*: *visse*; conforme dados.

³ Esta nomenclatura foi observada em Guerra (2007).

Jubran e Kock (2006). Essa perspectiva apoia-se no tripé teórico da Pragmática, Linguística Textual e Análise da Conversação, considerando a atividade de interação social como uma concepção de linguagem e, como produto dessa interação, o texto; neste caso, o texto falado.

Conforme Risso *et al.* (2006), Marcador Discursivo é:

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada (p. 403).

Conforme a “Gramática do Português Falado Culto no Brasil”, os MDs basicamente operam em duas funções:

- a) sequenciadores do discurso;
- b) interacionais.

Considerando-se o fenômeno em estudo – MDs derivados dos verbos *entender, saber e ver* –, segue-se, neste trabalho, a segunda classificação, já que são “orientadores da interação, se particularizam por serem exteriores ao conteúdo proposicional” (URBANO, 2006, p.497), conforme exemplo abaixo:

*Fizeram uma confusão assim óh, que ela tinha o namorado dela e alguma coisa tinha acontecido entre eles e ele tinha matado ela e entrou na lógica porque ela/ela levou um tiro no peito, **tu entendesse?!(VarX, 02 - 05'36).***

Mesmo tendo em vista a concepção de MD conforme a GTI, cabe também dar espaço a outros trabalhos que dão um tratamento diferenciado ao fenômeno, pelo menos no que se refere à nomenclatura, como é o caso de *Marcadores Conversacionais* (MARCUSCHI, 1991 e URBANO, 2003), *Requisitos de Apoio Discursivo* (SILVA & MACEDO, 1996 e VALLE, 2001), e às noções de *Gramaticalização e Discursivização* trabalhados em Martelotta *et al.* (1996).

Aliado aos pressupostos teóricos sobre MD, busca-se na Sociolinguística um caminho para se analisar o fenômeno. Este trabalho considera que estudar

linguagem não se limita em observá-la isoladamente, mas levar em conta outros fatores, como os sociais, para que fenômenos que se evidenciam como peculiares encontrem uma explicação plausível.

Segundo a teoria da Variação, de Labov (2008)⁴, é possível perceber diferenças linguísticas entre uma classe social e outra, entre diferentes faixas etárias, e entre diferentes gêneros (homens e mulheres); a teoria auxilia a detectar os fatores linguísticos e sociais que implicam na escolha de cada forma variável de um fenômeno.

Um dos objetos pontuais de estudo da Sociolinguística é exatamente a variação (MOLLICA, 2008, p. 10), observando a linguagem em seu contexto real de uso, na relação entre língua e sociedade.

A teoria laboviana contribui para este trabalho apresentando um método de análise que demonstra se um fato linguístico pode ou não ter uma implicação que ultrapasse a dimensão meramente linguística; além disso, cabe ressaltar que o *corpus* do trabalho foi retirado de um banco sociolinguístico, cujo método da construção teve como embasamento os princípios teóricos de Labov.

O *corpus* de estudo para a análise do fenômeno foi uma amostra de vinte entrevistas de informantes pelotenses, pertencentes ao Banco de Dados Sociolinguístico por Classe Social (VarX) da Universidade Federal de Pelotas, estratificada por classe social, gênero e idade, conforme está descrito em detalhe no capítulo 3 - Metodologia.

1.1 O ponto de observação⁵

A intenção de tratar sobre um fenômeno tão complexo se originou de inquietações pessoais de longa data, advindas da observação de fenômenos regionais de linguagem.

⁴Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso, de *Sociolinguistic Patterns* (1972).

⁵ Permito-me, aqui, fazer uso da primeira pessoa do singular, em vista do caráter pessoal dos fatos referidos como origem remota do problema de pesquisa.

Sou natural de Itaqui/RS, fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, divisa com a Argentina. Por razões de trabalho e estudo, em 2007, passei a residir em Pelotas, onde tive ocasião de observar características da fala local, particularmente em relação à realização dos processos verbais, na qual a marcação da segunda pessoa do pretérito perfeito do indicativo se dá frequentemente na seguinte forma:

*...é a recompensa do teu trabalho que **tivesse**, a tua preocupação...
(VarX 60, cód. 1634)⁶*

Já em minha região de origem, esse fenômeno não costuma ocorrer, posto que o falar fronteiro do oeste do Rio Grande do Sul se caracteriza pela saliência fônica '**st**': *fizeste, entendeste, viste, etc.*, isto é: a emissão sonora [**st**] está de acordo com a representação fonológica, que por sua vez, a aproxima da escrita padrão.

*É, tu tem uma úlcera. Mas com esse tratamento que te dei, não te **curaste**? (VarX, 77, cód. 1759)⁷*

À primeira vista, esse fenômeno sugere uma troca de tempos e modos verbais, isto é: o emprego da **terceira** pessoa do singular (*tivesse, fizesse, entendesse*) do pretérito imperfeito do subjuntivo, em uma situação que pediria a **segunda** pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Entretanto, o fenômeno encontra uma explicação fonética no fato de que o traço mais contínuo da fricativa [s] assimila o menos contínuo, da plosiva [t], afastando essa forma verbal do padrão escrito da língua portuguesa ao torná-la idêntica à forma verbal de pretérito imperfeito do subjuntivo.

Essa idiosincrasia que diferencia notavelmente a fala de Pelotas em relação à de Itaqui pareceu-me especialmente perceptível no emprego do verbo “entender” como elemento de função fática no discurso, caracterizando-se como Marcador Discursivo da Interação: “entendesse?”⁸.

⁶AMARAL, Luís Centeno do. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, p. 99.

⁷ Ver nota 6.

⁸ A observação dessa incidência se deu através de relações de amizade, trabalho, etc., na comunidade local.

Desses dois fatos linguísticos observados, surgiu o interesse em aprofundar meu estudo acerca do fenômeno dos Marcadores Discursivos e como ele se configura na fala da comunidade de Pelotas, partindo da investigação do exemplo específico citado (o verbo “entender”). A existência do Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social – VarX – da UFPel apresentou-se como um campo propício para a pesquisa, uma vez que este se constitui de registros orais.

1.2 Objetivos e Hipóteses

A seguir expõem-se os objetivos e hipóteses de pesquisa do presente trabalho.

Objetivo Geral:

- Analisar a variação dos Marcadores Discursivos derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver* em discursos de informantes do VarX, polarizados em duas classes sociais: média-alta e baixa.

Objetivos Específicos:

- Descrever os fenômenos – variação dos Marcadores Discursivos derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver*;

- Analisar a variação dos MDs derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver* como variável de Marcador Discursivo Interacional;

- Verificar a incidência da variação dos fenômenos nas duas classes sociais, realizando entrecruzamentos, também, entre gênero e idade;

- Verificar quais são as variáveis que determinam o uso das variantes;

- Analisar qualitativamente os fenômenos.

Tomando por base de amostragem as entrevistas do VarX, a pesquisa se orientou pelas hipóteses:

Hipótesede caráter Linguístico:

A – Há variação dos itens *entender*, *saber* e *ver* como Marcadores Discursivos da Interação na fala pelotense:

A₁ – O item *entender* é preferido como MD;

A₂ – O item *entender* sofre maior variação em sua forma verbal (*entendesse*, *entendeste*, *entendeu*, *entende*, *tendesse*), por possuir maior massa fônica;

A₃ – Os itens *saber* e *ver* não variam, em função de sua menor massa fônica;

A₄ – Classificando-se as sequências discursivas em a) narrativas, b) argumentativas e c) descritivas, ocorre nelas uma incidência crescente dos Marcadores Discursivos nessa mesma ordem de classificação;

A₅ – Levando em consideração o fato de que apenas o item *entender* sofre variação, formas verbais desse item que têm concordância aparecem mais em sequência argumentativas do que em descritivas.

Hipótesede caráter sociocultural:

B – Classe social média-alta tende a produzir o MD *entender* próximo ao padrão culto da língua; opostamente, a classe social baixa se distancia do padrão.

B₁ – Mulheres tendem a usar o item *entender* como MD nas formas que são mais próximas ao padrão, ao passo que homens utilizam formas não-padrão;

B₂ – Informantes mais jovens usam o MD *entender* nas formas próximas ao padrão culto;

Na área dos estudos linguísticos, a diferença entre linguagem escrita e oral é bastante discutida, posto que as peculiaridades de cada uma exigem um tratamento específico. Em vista disso, a intenção de investigar o fenômeno Marcador Discursivo é de colaborar com estudos que já circulam no meio acadêmico acerca do assunto, mostrando como esse fenômeno se realiza na comunidade linguística de Pelotas.

Ao desenvolver-se sobre um banco de dados específico da cidade de Pelotas, esta pesquisa contribui para a descrição do falar local e, conseqüentemente, para a descrição do português brasileiro, principalmente tendo em vista que seus resultados poderão ser compartilhados com outros trabalhos a fim de estabelecer comparações ou discussões teórico-metodológicas no tocante ao fenômeno em estudo.

1.3 Estrutura do Trabalho

A organização do trabalho obedece à seguinte ordem: revisão de literatura, metodologia, análise e discussão dos dados, e conclusão.

No capítulo 2 – Revisão de Literatura – discute-se o fenômeno em estudo, expondo pressupostos teóricos que tratam sobre Marcadores Discursivos: Panorama de Teorias, segundo Guerra (2007); Marcadores Conversacionais (MARCUSCHI, 1991 e URBANO, 2003); Requisitos de Apoio Discursivo (SILVA & MACEDO 1996 e VALLE 2001); Gramaticalização e Discursivização, estudos de Martelotta (1996); bem como se destaca a perspectiva adotada neste trabalho – Perspectiva Textual-Interativa empregada na “Gramática do Português Culto Falado no Brasil: construção do texto falado”, organização de Jubran e Koch (2006).

No capítulo 3 – Metodologia – apresenta-se o *corpus* de análise – o Banco de Dados Sociolinguísticos por Classe Social (VarX) –, discorre-se sobre os informantes escolhidos, os procedimentos de análise, as variáveis controladas e

sobre a utilização do programa Goldvarb para auxiliar na apuração dos dados estatísticos.

No capítulo 4 – Análise e Discussão dos dados – são apresentados e analisados os resultados, dando um enfoque mais qualitativo às análises visto o baixo número de dados.

O capítulo de conclusão é destinado a ponderações sobre os resultados obtidos em relação às hipóteses apontadas; além disso, sugere uma continuação da investigação desse fenômeno, utilizando outros BDS.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tem por objetivo mostrar o movimento teórico feito para elaboração da pesquisa, dividido em duas seções principais, intituladas: Sociolinguística ou Teoria da Variação (seção 2.1); e Marcador Discursivo: visitando alguns conceitos (seção 2.2).

Num primeiro momento, na seção 2.1, aborda-se a teoria da Variação Linguística de Labov, demonstrando sua importância para os estudos em que o ponto de observação é a linguagem em uso.

Na seção 2.2, abordam-se trabalhos e pressupostos teóricos sobre a categoria de Marcador Discursivo. O primeiro estudo que se destaca é o de Guerra (2007), em que se mostra um panorama sobre concepções teóricas de MDs a partir de alguns autores: Schiffrin (1987), Fraser (1990, 1997), Blakemore (1987, 1992), Mann & Thompson (1987, 1988); Guerra (2007) compara essas concepções a fim de sistematizar similaridades e diferenças sobre o fenômeno de MD.

Logo em seguida, são expostos os pressupostos teóricos de Marcuschi (1991) e Urbano (2003) sobre *Marcadores Conversacionais*, visto que muitos dos estudos partiram das concepções da Análise de Conversação (inclusive a GTI) para teorizar acerca de MD.

Adiante, apresentam-se os estudos sobre *Requisitos de Apoio Discursivo*, de Silva & Macedo (1996) e Valle (2001); mesmo que tenham categorizado o fenômeno de modo diferente, trata-se de pesquisas que observaram verbos *entender*, *saber* e *ver* na função de MD.

A seguir, faz-se menção às noções de *Gramaticalização e Discursivização* estudadas por Martelotta *et al.* (1996), haja vista que também se veem nesses estudos considerações sobre o fenômeno de MD.

Por último, discorre-se sobre a perspectiva base da presente pesquisa: Perspectiva Textual-Interativa, ou Gramática Textual-Interativa (GTI).

2.1 Sociolinguística ou Teoria da Variação

A diversidade é uma condição inerente ao homem, pois, por mais que a sociedade tente se organizar para que as coisas, os fatos e os fenômenos aconteçam em unidade, homogeneidade e igualdade, sempre se pode notar o diferente, a exceção.

Essa condição se torna especialmente explícita no fenômeno da linguagem, através da variedade das línguas ao redor do mundo e da variabilidade interna de todas elas. Nossa sociedade, a partir dos estudiosos, gramáticos e Estado, tenta instaurar regras que servem como parâmetro para nossa comunicação; entretanto, a diversidade é algo natural e simplesmente acontece. A língua de uma comunidade dificilmente poderá ser estagnada emuitos fatores contribuem para isso.

Quando o assunto é linguagem, é fácil ouvir declarações do tipo: “fulano fala de um jeito estranho”, “os cariocas ‘chiam’ muito”, “os nordestinos/gaúchos falam cantado”;ou ainda: “ele fala errado”, “ela tem um português impecável”. Embora parte dos indivíduos não trate a diversidade como um simples fato, asserções como essas mostram o quanto o diferente pode ser notado pelas pessoas.

A sociedade carrega valores socioculturais ultrapassados ao atribuir juízo de valor ao modo de falar dos indivíduos, pois a gramática tradicional ainda é vista como parâmetro de língua/linguagem, tanto para a fala, quanto para a escrita, desencadeando, assim, preconceitos em relação às variantes da língua. Pode-se dizer que a gramática é uma ferramenta que possibilita termos unidade na modalidade de língua padrão, ela não deve ser parâmetro de expressão para todas as modalidades, haja vista que, por vezes (talvez a maioria das vezes), outros tipos de expressão são utilizados para que as pessoas possam se comunicar, exprimir ideias e sentimentos.

Nessa direção, observando o fato da variabilidade, levando em conta as dimensões territoriais do Brasil, pode-se dizer que: macrolinguisticamente, fala-se esta língua de norte a sul, leste a oeste do país; no entanto, microlinguisticamente, existem diferenças entre as regiões, principalmente em nível fonético.

Também há de se destacar que as pessoas não falam ou escrevem sempre da mesma forma, muitas vezes, as situações sociocomunicativas estabelecem o modo como se deve falar ou escrever. Não se fala com o chefe da mesma forma que se fala com os amigos, não se escreve no Facebook da mesma forma que se elabora uma dissertação de mestrado, há variação nesses casos também.

Outro exemplo, bem próximo à realidade das pessoas atualmente, é a evolução tecnológica dos últimos anos que afeta a forma como escrevem. Em ambiente virtual, por exemplo, a escrita recorre muito a grafemas que visam dar uma instantaneidade na comunicação; então, abreviações, substituições, *emoticons*, são exemplos de recursos que os falantes usam para expressar o que desejam. Nesse sentido, pode-se dizer que a língua varia, ao menos em comparação ao padrão culto da língua estabelecido pelas gramáticas.

Referir os estudos que apontam que as línguas neo-latinas – como, por exemplo, português, francês, italiano, espanhol, etc. – provieram do Latim também são exemplos do caráter variável das línguas. Isso sem apontar os inúmeros trabalhos sociolinguísticos que divulgam resultados, mostrando variações linguísticas em diversos níveis da língua – fonético-fonológico, sintático, semântico, pragmático, textual –, valendo-se de variáveis tanto linguísticas quanto sociais, visando buscar explicações para a variação da língua.

No sentido de evidenciar essa diversidade e de verificar a variabilidade da língua, mais precisamente de um fenômeno linguístico, discorre-se sobre o que trata a Sociolinguística e/ou a Teoria da Variação de Labov, já que é uma corrente teórica que visa o estudo da linguagem em uso, estabelecendo a relação entre língua e sociedade. Antes disso, mostra-se, em síntese, o percurso sobre os estudos da linguagem a fim de entender como é que surgiu a Sociolinguística como teoria e método de análise para a linguagem.

A linguagem é um objeto de estudo intrínseco à Filosofia desde os gregos e ao longo da História do Ocidente, mas passou a merecer um estudo à parte, e em outro contexto e momento histórico.

Pode-se dizer que um estudo de caráter mais científico surgiu quando a linguagem foi analisada sob o ponto de vista da comparação. Linguistas europeus, como Franz Bopp, preocuparam-se em comparar as línguas europeias com a língua do Sânscrito, acreditando haver uma língua que fosse a mãe de todas as outras línguas existentes no mundo. Esta fase, para a linguística histórica, é denominada de *Linguística Comparatista*.

Mas, foi a partir de Saussure que se pode dizer que os estudos da linguagem se constituem de fato uma ciência: a ciência Linguística. Esse linguista se preocupou em estudar a linguagem, tendo como objeto de análise a língua. Em sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, organizada por seus discípulos, Saussure postulou vários conceitos, podendo-se citar as dicotomias linguísticas: língua e fala, sincronia e diacronia; arbitrariedade do signo; etc. Esse momento de estudos sobre a linguagem ficou demarcado como *Estruturalismo*, posto que a concepção de língua em Saussure é vista como estrutura, segundo Lucchesi (2004, p.30).

Por algum tempo o Estruturalismo Saussuriano foi hegemônico na história linguística. Embora tenha sido um marco histórico e contribuído teoricamente para os estudos linguísticos, essa corrente teórica limitou as observações sobre a linguagem, uma vez que se preocupou em observar a língua em seu estado sincrônico, desprezando outros aspectos relevantes como a mudança linguística ao longo do tempo, por exemplo.

Saussure expôs que a língua é um fato social, mas considerava isso como “um princípio geral” (CALVET, 2008, p. 15), e não algo que devesse ser levado em conta para uma análise linguística, conforme Monteiro (2008, p.14):

Saussure estabeleceu um corte metodológico, determinando que o objeto de estudo da linguística teria que ser a *langue*, concebida como um sistema regido por leis próprias e dotado, pois, de uma certa homogeneidade.

Como se nota, Saussure, para estabelecer regras bem definidas quanto ao estudo da linguagem, desconsiderava a heterogeneidade linguística, a fim de criar seu modelo abstrato da língua. “Saussure exclui a questão da mudança do terreno próprio das investigações linguísticas” (LUCCHESI, 2004, p.37).

Além dessa corrente estruturalista, outras também ganharam destaque no início do século XX, como é o caso do Estruturalismo de Bloomfield, na América do Norte, que, de acordo com Monteiro (2008, p. 14), desconsiderava aspectos como a natureza semântica do signo e sua função social.

Outra corrente que visa(va) um caráter homogêneo da língua é o *Gerativismo* de Chomsky; embora tendo um tratamento teórico e metodológico diferente das correntes estruturalistas acima, “delimitou como objeto de sua teoria linguística a competência de um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade linguística completamente homogênea” (MONTEIRO, 2008, p. 15).

Por isso, não somente, após e concomitante a esse período, outras áreas de estudos da linguagem ganharam reconhecimento, sendo uma delas a Sociolinguística.

Nos últimos anos, a Linguística tem tratado o estudo sobre a linguagem de forma diversificada, contemplando muitos aspectos. Tem-se dado uma grande atenção aos estudos de língua falada, uma vez que, por meio dela, são estabelecidos os primeiros contatos entre os falantes, sendo possível expressar ideias e sentimentos, etc.

Pode-se dizer que a Sociolinguística surgiu como corrente teórica que deu atenção à “fala”, pois é nessa modalidade que se manifesta nossa língua/linguagem vernacular, ou como coloca Labov (2008) na introdução de “Padrões Sociolinguísticos”:

existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (p. 13)

O descontentamento de Labov, entre outros estudiosos, no que se refere à análise linguística de forma abstrata – análises essas que eram feitas muitas vezes a partir de exemplos criados pelo próprio linguista da corrente estruturalista – fez com as observações se voltassem para fatos concretos de língua falada,

postulando fortes hipóteses de que a variação existente em uma língua, bem como a mudança linguística tem a ver com fatores linguísticos e fatores sociais.

As contribuições da Sociolinguística repercutem há mais de cinco décadas. Muitos trabalhos foram e são feitos à luz dessa teoria; muitos desses trabalhos têm como *corpus* de pesquisa bancos de dados de fala concreta. No Brasil, para fomentar, então, as pesquisas em relação à “fala”, vê-se na “Gramática do Português Falado Culto no Brasil”, um dos trabalhos que ressaltou a importância de pesquisas que visam essa modalidade.

Contraopondo a teoria estruturalista de Saussure e modelos teóricos que não levam em conta a questão da variação, a Sociolinguística considera preponderantes aspectos como: as línguas são heterogêneas, elas mudam ao longo do tempo; uma mesma língua pode apresentar variedades dependendo da posição geográfica, etc.

Segundo Mollica (2008), “a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (p.10). Conforme a autora, a variação linguística pressupõe a existência de variantes, compreendidas como “(...) as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável” (p.11).

Ainda nessa perspectiva, a autora acima expõe que a Sociolinguística investiga o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, prevendo seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2008, p. 11). Para Monteiro (2008) a Sociolinguística considera que “a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana (...)” (p. 57).

De acordo com Mollica (2008)

a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável.

Nesse sentido, *entender, saber e ver* como MD constituem elementos de uso variável sob o mesmo ponto de vista; além disso, como os dados já mostraram, o item *entender* tem suas variantes, e, portanto, passíveis de serem descritas e analisadas dentro de uma comunidade sob a perspectiva da sociolinguística variacionista; essas formas podem alternar dependendo de alguns aspectos, tanto linguísticos, como extralinguísticos; assim, o propósito é averiguar essa variação e saber por que ela acontece, visto que

cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA, 2008, p.11)

Monteiro (2008), resenhando o trabalho de Labov, discorre sobre regra variável: diz ele que a aplicação de uma forma ou outra depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna, quanto de ordem externa, ou seja: pode ser que um fenômeno varie devido à estrutura da língua ou porque sofre alguma pressão social.

Observando a questão da pressão social exposta por Monteiro (2008) acima, é interessante notar duas variáveis sociais que se destacam em vários trabalhos sociolinguísticos – gênero e escolaridade – pois são variáveis que evidenciam o fenômeno da variação.

Em relação a gênero, as evidências da diferença entre o modo de falar dos homens e das mulheres vão muito além de aspectos fisiológicos, como, por exemplo, o tom de voz: mais grave para os homens, mais agudo para as mulheres (PAIVA, 2008, p. 33). Muitos são os trabalhos que apontam para o fato de que as mulheres tendem a falar mais próximo ao padrão culto da língua do que homens. Para exemplificar esse fato:

observemos os resultados encontrados para a supressão variável da vibrante nos grupos consonantais (problema/probrema, proprietário/proprietário) na variedade carioca, em que, sem dúvida, convivem uma variante fortemente estigmatizada e uma variante padrão (...) as mulheres utilizam mais a forma padrão (sem a supressão da vibrante) do que homens (MOLLICA, PAIVA & PINTO, 1989 *apud* PAIVA, 2008, p. 34).

Em estudo sobre concordância nominal Scherre (1996) *apud* Paiva (2008), afirma que “a variante mais prestigiada, presença de marca de plural em

todos os elementos do SN, é mais recorrente entre falantes do sexo feminino e diminui sensivelmente entre falantes do sexo masculino” (p. 34).

Observando o fator escolaridade, segundo Votre (2008), pode-se dizer que a escola muda a fala e a escrita das pessoas e que pode ser preservadora de formas de prestígio (p. 51). Pode-se considerar que a ascensão da escolarização das classes populares tem levado ao aumento do uso de formas linguísticas mais próximas do padrão culto, dessa forma, sugere-se que jovens estariam usando a língua com formas mais próximas ao padrão culto. (GUY, 1981).

Os primeiros trabalhos sociolinguísticos realizados por William Labov analisam fenômenos fonológicos; o primeiro deles, cuja produção foi a dissertação de mestrado, tratou de analisar frequências e distribuição das variantes fonéticas /ay/ e /aw/ da ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, Estados Unidos, levando em consideração as diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos da ilha. Tal estudo teve como objetivo compreender, em geral, como se dava o tratamento da mudança linguística.

Outro importante trabalho de Labov foi sua tese de doutorado que versou sobre a presença ou ausência do fonema /r/ pelo critério de estratificação social, tomando como campo de estudo as lojas de departamentos na cidade de Nova York. Por meio de entrevistas individuais, eventos de fala casuais e anônimas, tendo como variável fonológica a presença ou ausência de /r/ em posição pós-vocálica como em '*four*⁹', e se orientando pela estratificação das lojas de Nova Iorque, este estudo verificou o comportamento linguístico dos funcionários das lojas. A observação feita foi de que quanto mais alto o poder aquisitivo da loja, mais marcado era o fonema /r/.

Como se viu, os primeiros trabalhos sociolinguísticos foram na área da fonologia; contudo, é importante destacar trabalhos em outros níveis de análise, como sintático, semântico, textual, etc., para que se possa verificar como se comporta determinada língua nos seus vários níveis de realização, ao menos num dado momento histórico. Os trabalhos sociolinguísticos são, portanto, ao mesmo

⁹Emporuguês, 'quatro'.

tempo registros históricos e referências teóricas importantes para os futuros estudos de desenvolvimento da língua.

2.2 Marcador Discursivo: visitando alguns conceitos

Levando em conta o texto falado, é interessante notar os recursos linguísticos pelos quais os indivíduos estabelecem comunicação, sendo um deles o Marcador Discursivo, segue abaixo o percurso teórico desenvolvido por esta pesquisa afim de que se possa compreender esse fato linguístico.

2.2.1 Panorama das abordagens dos Marcadores Discursivos, cf. Guerra (2007)

Em sua busca pelo entendimento de como funcionam os Marcadores Discursivos, Guerra (2007) apresenta um panorama de teóricos que estudaram o fenômeno, realizando uma comparação entre as diferentes abordagens de MD, sistematizando diferenças e semelhanças das concepções sobre o fenômeno. Guerra (2007) inicia considerando quatro autores: Schiffrin (1987), Fraser (1990, 1997), Blakemore (1987, 1992), Mann & Thompson (1987, 1988).

Schiffrin (1987 *apud* Guerra, 2007, p.13) define a categoria de Marcadores Discursivos como “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades discursivas”. Em seu trabalho, onze MDs são analisados minuciosamente (*oh, well, and, but, or, so, because, now, then, I mean, Y’know*), observando como eles funcionam entre si e na formação de estruturas. Essa autora analisa, por exemplo, como esses MDs são usados para distinguir as partes de figura e fundo, em segmentos narrativos, e de posição e suporte, em seguimentos argumentativos. O que mais interessa a Schiffrin é o modo como os MDs contribuem para a coerência do discurso. A autora focaliza a “coerência local, isto é, a coerência que é construída por meio de relações entre unidades adjacentes no discurso” (SCHIFFRIN, 1987 *apud* GUERRA, 2007, p. 14), e faz distinção de cinco planos de organização do discurso, cada um com seu próprio tipo de coerência:

- 1) **Estrutura de Troca:** que reflete os mecanismos do intercâmbio conversacional e mostra os resultados do processo de troca de turnos conversacionais e como os turnos são relacionados entre si;
- 2) **Estrutura de Ação:** que reflete a sequência de atos de fala que ocorre dentro do discurso;
- 3) **Estrutura Ideacional:** que reflete certas relações entre as ideias (proposições) encontradas no discurso, incluindo relações coesivas, relações tópicas e relações funcionais;
- 4) **Esquema de Participação:** que reflete o modo como falantes e ouvintes podem se relacionar entre si e com o enunciado;
- 5) **Estado da Informação:** que reflete a organização e o gerenciamento do conhecimento e do metac conhecimento envolvidos no processamento do discurso (SCHIFFRIN, 1987 *apud* GUERRA, 2007).

A segunda concepção de MD apresentada por Guerra (2007) é a de Fraser (1999) que considera um MD “como uma expressão linguística que (i) tem um significado central que pode ser enriquecido pelo contexto; e (ii) sinaliza a relação, pretendida pelo falante, entre o enunciado que o Marcador Discursivo introduz e o enunciado anterior” (GUERRA, 2007, p. 15). Exemplo:

Jack jogou tênis, e Maria leu um livro.¹⁰

Uma frase como acima explicita MD como uma expressão relacional conforme postulado por Fraser (1999 *apud* Guerra, 2007, p. 16). Além disso, essa relação pode se dar em dimensões maiores, operando em níveis de parataxe e hipotaxe. Outro fator importante destacado por Fraser (1999 *apud* Guerra, 2007) é que MDs “impõem uma relação entre algum aspecto de segmento discursivo de que são parte (S2) e algum aspecto de um segmento discursivo anterior (S1)” (p. 16).

Guerra (2007) observa um princípio de análise sobre MDs entre as concepções de Shiffrin e Fraser:

o de considerar como MDs elementos de natureza relacional, ou sequencial, ou conectiva. No trabalho de Schiffrin, esse princípio se manifesta na consideração de MDs como ‘elementos sequencialmente dependentes’, e, no de Fraser, na consideração de que MDs relacionam necessariamente dois segmentos (S1 e S2) dispostos sequencialmente. (p.17)

A terceira abordagem explanada por Guerra (2007) é a que foi desenvolvida dentro da Teoria da Relevância, cujo teórico é Blakmore (1987,1992). Nesse campo teórico o MD é visto como

¹⁰Exemplo no original: Jack played tennis, **and** Mary read a book.

um tipo de implicatura convencional, com ênfase voltada para o modo como eles impõem restrições sobre implicaturas. (...) MDs não têm um significado representacional, (...) mas apenas um significado procedural, que consiste em instruções sobre como manipular a representação conceitual do enunciado. (BLACKMORE 1987, 1982 *apud* GUERRA, 2007, p.17)

A quarta abordagem está situada na Teoria da Estrutura Retórica, em que os principais representantes são Mann & Thompson (1987 e 1988). De acordo com Guerra (2007) “essa abordagem focaliza a natureza das relações entre as sentenças de um texto, tal que o conteúdo de uma sentença pode fornecer elaboração, circunstância ou explicação para o conteúdo de outra” (p. 18). Guerra traz exemplos como:

Tom largou seu emprego **porque** ele estava cansado das longas horas¹¹.

A partir desse exemplo, Guerra (2007) explica que há uma relação de coerência entre as orações, ou seja, o ‘**porque**’ marca o discurso, estabelecendo uma relação de causa-consequência.

Com relação às abordagens situadas na Teoria da Relevância e na Teoria da Estrutura Retórica, Guerra (2007) pondera que também existe um princípio de conectividade, assim como apontado pelas duas primeiras abordagens.

Adiante, Guerra (2007) diz que, no Brasil, estudos sobre MDs foram desenvolvidos na área de Linguística Textual, a autora destaca os trabalhos de Koch (1984, 1989, 1997, 2002, 2004).

O encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão (períodos, parágrafos, subtópicos, sequências textuais ou partes inteiras do texto), é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos linguísticos que se denominam *articuladores textuais*¹² (KOCH, 2002 *apud* GUERRA, 2007, p.21).

¹¹Exemplo no original: Tom quit his job **because** he was tired of the long hours.

¹² Grifo meu

Guerra (2007) aprecia a concepção de Koch (2002), dizendo que o traço da conectividade está presente, apesar da nomenclatura ser diferente: “articuladores textuais”.

A última abordagem apontada por Guerra (2007) é a da Gramática Textual-Interativa, da qual se falará mais adiante. Entretanto, ressalta-se a observação de Guerra quanto ao fator de conectividade que foi detectado nas demais abordagens. A autora coloca que a GTI também tem esse princípio, uma vez que a concepção de MD é estabelecida a partir de dez variáveis e uma dessas variáveis é a *articulação de segmento do discurso*, que evidencia o princípio da conectividade.

Guerra, porém, destaca que essa abordagem não trata apenas de MDs com traço de conectividade, pois, na variável da articulação de segmento do discurso, pode ocorrer o traço *não-sequenciador*, o que concebe a certos MDs o caráter predominantemente interacional.

Conforme Guerra (2007), é importante destacar os diversos olhares sobre Marcadores Discursivos quando se trata de examinar detalhadamente esse fenômeno; dessa forma, os princípios pelos quais se fará a pesquisa estarão melhor delimitados.

A revisão de literatura até o presente momento serviu para conhecer alguns prismas do fenômeno de MD. Verificou-se que ele é abordado de diferentes formas, referindo-se aos elementos de coesão que visam o princípio da conectividade dos discursos, das orações. Não são concepções que trataram MDs no nível de uma marcação da interação dos interlocutores; as abordagens que seguem, todavia, parecem dar conta melhor para o caso do fenômeno deste trabalho.

2.2.2 Marcadores Conversacionais (MCs)

Situada na área da Análise da Conversação, a concepção sobre Marcadores Conversacionais (MC) abrange recursos que vão além dos

linguisticamente materializados: são considerados nessa teoria, recursos verbais, não-verbais e supra-segmentais.

Segundo Marcuschi (1991), os recursos verbais seriam do tipo classe de palavras, ou expressões estereotipadas que ocorrem com muita frequência marcando o discurso, por exemplo: *olha, certo?, né?, etc.* Alguns não são lexicalizados, como: *mm, ah, ué,* etc. Os recursos não-verbais estariam no âmbito visual, como *gestos, risos, olhar,* etc. E os recursos supra-segmentais são de natureza linguística, mas não são de caráter verbal, que seriam o *tom de voz* e as *pausas*.

Marcuschi (1991) explana em seu trabalho sobre os tipos, funções e posições dos MCs, abaixo segue quadro ilustrando essas subdivisões:

SINAIS DO FALANTE (orientam o ouvinte)				SINAIS DO OUVINTE (orientam o falante)		
Pré-posicionados		Pós-posicionados		Convergentes	Indagativos	Divergentes
No início de turno,	No início de unidade comunicativa,	No final de turno,	No final de unidade comunicativa			
Exemplos: - Olha - Veja - Bom - Mas eu - Eu acho - Não, não - Epa - Peraí - Certo, mas - Sim, sei, mas - quanto a isso - nada disso - Você esquece - Como assim? Etc.	Exemplos: - então - aí - daí - portanto - agora veja - porque - e - mas - assim - por exemplo - digamos assim - quer dizer - eu acho - como vê Etc.	Exemplos: - né - certo? - viu? - entendeu? - sacô? - é isso aí - que acha? - e então? - diga lá - é ou não é? Etc.	Exemplos: - né - não sabe? - Entende? - de acordo? - tá? - não é? Etc.	Exemplos: - sim - ahã - mhm - claro - pois não - claro, claro - isso - ah sim - ótimo - tai Etc.	Exemplo: - será? - não diga - mesmo? - é? - ué - como? - como assim? - O quê? Etc.	Exemplos: - não - duvido - discordo - essa não - nunca - peraí - calma Etc.

QUADRO 1 – Os Sinais Conversacionais Verbais, quadro adaptado de Marcuschi (1991, p. 68)

Após ser visto, sumariamente, o quadro de alguns sinais conversacionais, traz-se a conceituação de MC, conforme Urbano (2003). Para esse autor Marcadores Conversacionais são:

Elementos típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional (...) elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional (...) funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmática..(p, 98)

As considerações sobre o que seriam Marcadores Conversacionais vão ao encontro dos objetivos do presente estudo, uma vez que GTI também se baseia na Análise da Conversação para criar seu modelo teórico. Vê-se nessa perspectiva de MC um caráter mais próximo ao fenômeno em análise, que é a variação dos MDs derivados dos verbos *entender*, *saber* e *ver*, mais especificamente da interação. Marcuschi, no quadro acima, já pondera que formas como *entende*, *entendeu*, *viu*, *não sabe* são MCs, pois são sinais do falante com a função de orientar o ouvinte, sendo suas posições em final de turno, ou final de unidade comunicativa.

2.2.3 Requisitos de Apoio Discursivo (RADs), concepção de Silva & Macedo (1996) e Valle (2001)

O trabalho de Silva & Macedo (1996) é um estudo que também aborda o fenômeno de MD, mas considera o fenômeno de forma diferente, ao menos no quesito nomenclatura.

As autoras expõem em seu trabalho características referentes ao sentido, função e posição dessas partículas peculiares do texto falado, levando em consideração estudos sobre MCs e MDs para indicar as diferentes características do fenômeno:

- a) *iniciadores*: iniciam turnos, podendo também introduzir discurso direto. Ex: ah, bom, bem, olha;
- b) *requisitos de apoio discursivo*: usados para se certificar da atenção do interlocutor. Ex: né? Tá? Sabe? Entendeu?;
- c) *redutores*: evitam uma postura assertiva ou autoritárias do locutor. Ex.: eu acho, sei lá;
- d) *esclarecedores*: tentam resumir ou retomar com maior clareza parte do discurso: Ex.: quer dizer, isto é;
- e) *preenchedores de pausa*: evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado. Ex.: assim, bem, hãa, é...;
- f) *sequenciadores*: marcam a sequencia do discurso. Ex.: aí, então, depois;
- g) *resumidores*: encerram uma lista de itens e resumem o que se considera ser de conhecimento do interlocutor. Ex.: essas coisas, e tal;
- h) *argumentadores*: iniciam argumentação, geralmente contrária ao discurso precedente. Ex.: agora, não, mas;
- i) *finalizadores*: dão um fecho ao turno de um falante. Ex: então tá, é isso aí.

Essas pesquisadoras consideram que os estudos que se voltam à análise dos MDs ou MCs são muitas vezes pouco nítidos, pois como categorizar determinado marcador quando ele aparece em mais de uma função? Segue um exemplo colocado por elas: “‘Bem’ é advérbio de em ‘eu faço isso bem’, mas também tem outro sentido e outra função em: *Bem* eu, para mim, é bom.” (SILVA & MACEDO, 1996, p. 13)

Diante de fatos como esse, emerge uma problematização quanto ao termo “Marcador”. A explicação dada pelas autoras com relação a esse termo é no sentido de que, se “Marcador” serve para auxiliar na construção do texto, é preciso avaliar até que ponto. Afirmam elas que tudo em um discurso poderá ser chamado de “Marcador”, haja vista que tudo marca, organiza, ou sinaliza alguma informação. Dessa forma, Silva & Macedo preferem apropriar-se do termo “*estratégias discursivas*”.

Aqui, reporta-se à pesquisa das mesmas autoras em relação aos Requisitos de Apoio Discursivos (RADs), pois, apesar de considerarem uma taxionomia diferente de MD (ou ser uma “subcategoria” de MD), corrobora para o estudo dos itens *entender*, *saber* e *ver* como Marcadores Discursivos da Interação.

Silva & Macedo (1996) consideram RADs, como visto acima: elementos que, servindo para chamar a atenção do interlocutor, têm a função de manter o fluxo da conversa e a harmonia entre os participantes. Nesse sentido, focando *entender*, *saber* e *ver*, notadamente, segundo a concepção das autoras, esses itens funcionam como um requisito de apoio discursivo, em contextos em que esses MDs buscam prender a atenção do interlocutor.

Não é preocupação desta pesquisa, entretanto, discutir sobre a taxionomia do fenômeno: trouxe-se a referência de Silva & Macedo (1996) porque foram pesquisadoras que, independentemente da discussão acerca da nomenclatura, trabalharam com MD – ou na visão delas, *Estratégias Discursivas* –, em pesquisas variacionistas, levando em consideração as classificações acima citadas.

As autoras utilizaram um *corpus* de 64 entrevistas da “Amostra Censo” em que os informantes foram estratificados por sexo, idade e graus de escolaridade.

Com relação aos RADs, Silva e Macedo (1996) obtiveram como resultado que, nos fatores de escolaridade, faixa etária e gênero (masculino e feminino), os RADs mostraram mesma probabilidade de usos dos apoios, ou seja, o fenômeno se comportou equilibrado nessas variáveis.

Quanto às variáveis linguísticas, as pesquisadoras se orientaram pelas variáveis: gêneros de discurso (argumentação, descrição, descrição de vida, receita, narração, citação), tipos de enunciados (conhecidos e desconhecidos), tipos de entrevistas, tamanho do turno, presença ou ausência de 'estímulo' por parte do ouvinte e posição no sintagma.

Quanto à variável gênero do discurso, os RADs apareciam mais em argumentações. Subjacente a essa variável se observou o grau de subjetividade/objetividade dos enunciados. O resultado obtido em relação a esta variável foi que os RADs surgem mais em enunciados subjetivos e aparecem menos em enunciados objetivos. Quanto à posição no sintagma, RADs se concentram mais em final de enunciado (SILVA & MACEDO, 1996).

Outra pesquisa que teve como objeto de estudo 'Requisitos de Apoio Discursivo' foi a dissertação de Mestrado de Valle (2001). Este estudo, que aliou concepções teóricas do Funcionalismo e da Sociolinguística, preocupou-se em descrever o uso variável dos itens *entende? sabe? não tem?* na fala de informantes florinapolitanos; além disso, o trabalho de Valle sugeriu uma possível trajetória de mudança linguística que levou esses itens a exercerem funções equivalentes (RADs). O *corpus* dessa pesquisa foram informantes do Banco de Dados do Projeto 'Variação Linguística Urbana da Região Sul' (VARSUL).

A pesquisa de Valle é interessante porque buscou, primeiramente, explicar como é que os itens *entende? sabe? não tem?*, considerados verbos, passam a ser um RAD. O percurso teórico para uma explanação da mudança do status dos itens foi o da *Gramaticalização e Discursivização*: a primeira abordagem busca verificar itens lexicais e construções sintáticas que assumem outras funções gramaticais; a segunda, leva item já gramaticalizado a assumir a função de marcador discursivo (MARTELOTTA *et al.*, 1996).

Segue abaixo um quadro comparativo dessas duas abordagens. Conforme Valle (2001), as características sobre Gramaticalização levam em conta a referência de Heine e Reh (1984, p. 67), e sobre as características de Discursivização, a referência é Vicent *et al.* (1993, p. 80):

Gramaticalização	Discursivização
Ganha significação sintática	Perde significação sintática
Perde complexidade semântica	Perde complexidade semântica
Perde significação pragmática	Ganha significação pragmática
Tende a tornar seu uso obrigatório em certos contextos e agramatical em outros	Tende a desenvolver um uso opcional
Funde-se com outras unidades e se fixa em uma posição	Diversifica suas posições na frase
_____	Distingue-se das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase
Reduz o número dos membros de seu paradigma e sua variabilidade sintática	_____
Perde significação funcional, valor expressivo, e substância fonética	_____

QUADRO 2 - As características dos processos de gramaticalização (HEINE E REH, 1984 *apud* VALLE, 2001) e discursivização (VICENT *et al.*, 1993 *apud* VALLE, 2001) – Adaptado de Valle (2001)

2.2.4 Gramaticalização e Discursivização

Sinteticamente, interessa a este projeto a concepção da Discursivização (será situado o campo de trabalho das categorias de Gramaticalização e Discursivização).

O Grupo de Estudos, Discurso & Gramática da UFRJ, hoje sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Mariangela Rios de Oliveira, é um dos grupos que discute essas abordagens no Brasil. Foi na década de 1990 que trabalhos sobre

Gramaticalização e Discursivização surgiram, desenvolvendo expressivo número de outros trabalhos sobre o assunto desde então.

Esses estudos situam-se em um paradigma funcionalista da linguagem, tendo como uma das principais referências o funcionalismo givoniano. Essa corrente funcionalista, segundo Votre (1996), tem como ponto de referência o princípio da *iconicidade*, sua acepção diz que “há uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem intencionalmente em termos linguísticos, embora nem sempre possamos precisar a intenção ou o propósito específico de cada ato verbal”¹³.

Votre (1996) afirma que, a partir disso, na língua, nada é por acaso: “razões de economia, eficiência e eficácia levam, naturalmente, os humanos a gramaticalizarem, regularizarem, sistematizarem suas ações verbais(...)”.

De acordo com Martelotta *et al.* (1996) são processos especiais de mudança linguística.

Gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Discursivização leva o item a assumir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade.

Em vista desses conceitos, ressalta-se o caráter de discursivização, pois se verifica que *entender*, *saber* e *ver* funcionam como MD, elementos que subsidiam a interação dos interlocutores. Conforme exposto por Martelotta (1996), discursivização visa perceber a mudança de um item linguístico que perde suas restrições gramaticais e passa a atuar no campo pragmático e interativo do discurso. No caso deste estudo os itens *entender*, *saber* e *ver* perdem sua função de verbo passando a funcionar como MD e, segundo Martelotta (1996)

de modo geral, os marcadores discursivos são usados, primariamente, para reorganizar linearidade das informações a nível do discurso (...)

¹³ MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Grupo de Estudos Discurso & Gramática: UFRJ, 1996. Disponível em: http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf. Acesso em: 15/04/2012, às 02.00h. Não paginado.

desempenham um conjunto de funções que, na prática, se sobrepõem e se confundem, uma vez que estão ligadas a reformulações da fala (...) essas funções estão relacionadas direta e indiretamente às preocupações do falante, no momento de processar a fala(...).

O autor subdivide essas funções em/para: a) marcar hesitações, b) modalizar o discurso; c) marcar mudanças de direção comunicativa, d) criar reticências; e) retomar referentes já mencionados; f) marcar plano discursivo de fundo; g) preencher vazios causados por pausas para calcular as informações subsequentes.

O trabalho “Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional”, de Martelotta *et al.*, reuniu vários trabalhos que verificaram os processos de gramaticalização e discursivização em alguns itens lexicais. Dentre esses trabalhos há o estudo “Discursivização do verbo saber”, de autoria de Martelotta e Leitão. Nessa investigação os autores se propuseram a descrever pontos de trajetórias de mudanças sintáticas e semânticas do verbo ‘saber’ através de uma observação pancrônica dos seus vários usos. Observaram que esse verbo mostra uma trajetória que parte do sentido mais concreto para um mais abstrato.

Segundo eles, o verbo ‘saber’ é proveniente do Latim *sapere*, cujo significado é de sentir o paladar – um sentido concreto, portanto. Mais adiante, esse verbo assume outra carga semântica, no sentido de conhecer, passando, então, a um estágio mais abstrato. Esse processo, segundo Martelotta e Leitão (1996), realiza-se pelo que os autores denominam *transferência metafórica*, isto é: “a partir da similaridade entre o conteúdo de uma forma já existente no uso da língua e um novo conteúdo, atribui-se à forma esse novo conteúdo, que com o uso passa a ficar incorporado a ela”¹⁴. Os autores explicam que só após esse processo é que o verbo ‘saber’ assume a categoria de discursivização, observando que *sabe?* pode funcionar como uma pergunta retórica num texto falado, assumindo funções tais como: modalizador, indicador de reformulações, marcador de tópico e preenchedor de pausa.

¹⁴ Ver nota 13.

Sob o enfoque desses estudos, é inegável o caráter “discursivizador” de *entender*, *saber* e *ver* quando analisados em texto falado, servindo de marcadores da interação.

Seguindo o percurso teórico deste trabalho, abaixo se apresenta a Perspectiva Textual-Interativa, para que o conceito de Marcador Discursivo dos itens *entender*, *saber* e *ver* fique ratificado, sob o ponto de vista da interação.

2.2.5 Perspectiva Textual-Interativa

Após se ter visto algumas abordagens acerca de MDs, a seguir se fará menção à Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI). Assim como considerou Guerra (2007), este estudo leva em consideração essa perspectiva, uma vez que é um dos subsídios teóricos disponíveis no Brasil para o tratamento de MD. Cabe salientar que este estudo se orienta pelos pressupostos advindos da GTI, mas não descarta as possibilidades de diálogo e considerações de outras perspectivas como já realizado ao longo da revisão bibliográfica.

2.2.5.1 Situando a Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI)

A Perspectiva Textual-Interativa é uma abordagem empregada na “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”, organizado por pesquisadores de diversas universidades e grupos de pesquisa do país. O percurso de realização dessa obra é exposto por Castilho (2006)¹⁵, o que se procurou expor resumidamente, a seguir:

O interesse pelo estudo sobre a língua falada, no Brasil, inicia a partir da década de 1960, quando pesquisadores se engajaram nas tarefas de documentar, descrever e refletir essa modalidade de língua. Em 11 de janeiro de 1969, no III Instituto Interamericano de Linguística, promovido pelo PILEI na Universidade de São Paulo, juntamente com o II Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América, o professor Rossi (UFBA) convocou uma reunião

¹⁵ Texto de Apresentação da “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”.

de que participaram os futuros coordenadores das equipes do projeto, que seria conhecido posteriormente como Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta). Entre os nomes estavam: Albino de Bem Veiga (Porto Alegre), Isaac Nicolau Salum e Ataliba T. de Castilho (São Paulo), além do próprio Rossi, coordenador do projeto em Salvador, logo após foram indicados os nomes dos professores: Celso Cunha (Rio de Janeiro) e José Brasileiro Vilanova (Recife).

Várias reuniões foram feitas a partir daí, a fim de estabelecer primeiramente a metodologia a ser empregada. Esta se constituiu, basicamente, em documentara fala de 600 informantes de formação universitária, selecionados entre pessoas nascidas no meio urbano, filhas de pais também oriundos desse meio, divididos por igual em homens e mulheres e distribuídos por três faixas etárias (25-35 anos, 36-55 e de 56 em diante). A fala dos informantes foi gravada em três situações diferentes: diálogos com o documentador, diálogo entre dois Informantes e aulas/conferências. O período das gravações ocorreu entre 1970 e 1977, tendo como constituição do *corpus*: 1.870 entrevistas com 2.356 informantes, totalizando 1.570 horas de gravações.

Com relação aos pressupostos teóricos do projeto, a partir de 1988 organizaram-se vários Grupos de Trabalho (GTs). Cada GT traçaria o perfil teórico que embasaria suas pesquisas e organizaria sua agenda de pesquisas. Entre 1988 e 1998, vários seminários foram realizados com o objetivo de debater os textos provenientes de cada GT, que foram organizados em várias obras sob título principal de “Gramática do Português Falado”, editados pela editora da UNICAMP. Por essa razão, essa fase dos estudos também é conhecida como “Projeto de Gramática do Português Falado” (PGPF).

A partir de 1990, também começaram a ser discutidos os problemas teóricos suscitados pelos trabalhos do PGPF, a cargo do professor Milton do Nascimento. Encerrada essa fase, em 2000 iniciou-se a consolidação de ensaios e teses publicados, dos quais resultou a versão da “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”.

Nesses estudos sobre a língua falada, os GTs de fonética e fonologia, morfologia derivacional e sintaxe das relações gramaticais se voltaram para

investigações mais “formalistas”, enquanto que GTs de sintaxe das classes de palavras e organização textual-interativa se mostraram mais “funcionalistas”, ou seja: as GTs formalistas, basicamente, guiaram-se pela teoria Gerativa, e as GTs funcionalistas se orientaram mais pelos pressupostos da Análise da Conversação, Linguística Textual e Pragmática.

2.2.5.2 Concepção de Linguagem da Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI)

A GTI tem uma concepção de linguagem vista como uma forma de ação,

uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação. (JUBRAN, 2006, p. 28)

A visão de linguagem está ligada à questão da interação social, levando em consideração o contexto, estando, isso, também atrelado ao fator da competência comunicativa que é vista como a capacidade de manter essa interação social mediante a produção e o entendimento de textos que funcionam comunicativamente.

2.2.5.3 Princípios teóricos da Perspectiva Textual-Interativa ou Gramática Textual-Interativa (GTI)

Segundo Jubran (2006, p. 28), “a linguagem verbal é uma realidade múltipla e complexa”, e suas concepções também são variadas: entre elas a linguagem pode ser vista como sistema de signos, instrumento de comunicação, fenômeno social, histórico, psicofísico-fisiológico, meio de transmissão do pensamento, ideias, sentimentos.

Como citado acima, a GTI adota uma visão de linguagem como uma forma de ação entre dois indivíduos ou mais, observando o contexto e a linguagem em uso. Ela compreende o texto como uma unidade que resulta dessa ação verbal

e, nesse sentido, esses são “**entidades comunicativas verbalmente realizadas**”¹⁶ e não entidades linguísticas que adicionalmente possuem um caráter comunicativo” (SCHMIDT, 1978 *apud* JUBRAN, 2006, p. 28).

Conforme os postulados acima, a GTI busca subsídios dos princípios teóricos da Pragmática, da Linguística Textual e da Análise da Conversação.

Jubran (2006, p. 29) diz que assumir uma ótica pragmática significa dar primazia à dimensão comunicativo-interacional, isto é: a linguagem deve ser estudada em suas condições reais de uso, como, por exemplo, a fala espontânea. A autora também expõe que os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, pela projeção natural da atividade discursiva; assim, os dados linguísticos são vistos como moldura dentro da qual se processa o intercâmbio linguístico.

A Linguística Textual tem sua parcela de contribuição nessa perspectiva porque tem, como objeto de estudo, o texto. Para muitos indivíduos, o conceito de texto se remeteria apenas a um produto sócio-interacional de cunho escrito; a modalidade de fala, porém, também pode ser vista como um texto, um todo de significação, como postulado pela Linguística Textual e por várias vertentes da linguística contemporânea.

Conforme explica Jubran (2006), os pressupostos teóricos que essa teoria oferece para a análise de textos falados são os que vêm depois da fase de análise de linguística frasal; o enfoque é dado na perspectiva de uma linguística pragmática, em que o texto é visto “como unidade globalizadora, sociocomunicativa, que ganha existência dentro de um processo interacional” (p. 30). A autora ressalta que a Linguística Textual é uma disciplina que privilegiou o texto escrito; contudo, é a partir dos pressupostos dessa teoria que se pode adotar uma noção de texto para uma modalidade falada de linguagem, como aqui se considera o caso de entrevistas de um banco de dados sociolinguísticos. O que se deve fazer é adaptar esses pressupostos à natureza do *corpus* estudado.

O terceiro apoio teórico da GTI vem, então, da Análise da Conversação (AC), que, em seus primeiros estudos, tinha como objeto central a conversação face a face, realizada em situações informais de interlocução, com frequentes trocas de

¹⁶ Grifo meu.

turno, dando um tratamento etnometodológico¹⁷, e pouca atenção para questões eminentemente linguísticas (SACKS, CHEGLOFF E JEFFERSON, 1974 *apud* JUBRAN, 2006, p. 30).

De acordo com Jubran (2006) a contribuição da AC se refere aos de uma segunda fase em que essa teoria procurou examinar a oralidade de forma mais abrangente, procurando verificar as diversas situações do intercurso verbal, ou seja, a GTI não leva em consideração os pressupostos etnometodológicos, mas sim esses estudos mais amplos¹⁸ da AC.

Desse modo é constituída a Perspectiva Textual-Interativa: uma intersecção das teorias da Pragmática, Linguística Textual e Análise da Conversação, com vista ao funcionamento da língua em contexto de usos (JUBRAN, 2006). Essa autora ainda diz que o foco de investigação se concentra na construção do texto falado, integrado aos fatores enunciativos que lhe dão existência, e que se revelam nos próprios processos de elaboração textual.

Jubran (2006) expõe que o texto, seja ele escrito ou falado, não se firma como projeção automática de regras que vigoram no nível da frase. Visando o texto como unidade globalizadora, ele apresenta propriedades de coesão e coerência, fundadas numa ordem própria de relações constitutivas, diferenciadas das que se estabelece no limite frasal (p. 31). Nesse sentido, o que se vê, na construção do texto falado, são especificidades nas relações constitutivas, dado ao caráter emergente da fala, sua produção momentânea e dinâmica. O texto falado se apoia, portanto, mais em princípios de **processamento** do que de **estruturas** e, assim, o que se visa é apontar regularidades e não regras.

Nota-se que é um trabalho descritivo da linguagem falada: a preocupação dessa perspectiva não é de ditar parâmetros para essa modalidade, mas sim de

¹⁷ Cfe. Marcuschi (1991, p.7) A etnometodologia foi fundada por Garfinkel no início dos anos 1960, é ligada à Sociologia da Comunicação e à Antropologia Cognitiva e se preocupa com as ações humanas diárias nas mais diversas culturas. Trata da constituição da realidade no mundo do dia a dia e investiga a forma de as pessoas se apropriarem de conhecimento social e das ações (daí o uso do radical etno); diz respeito à forma metódica de como os membros de uma sociedade aplicam aquele seu saber sociocultural (daí o radical metodologia).

¹⁸ Segundo Gumperz (1982 *apud* Marcuschi, 1991, p. 8) a AC em seus estudos mais abrangentes se preocupou, sobretudo, com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Essa perspectiva ultrapassa a análise de estruturas e atinge os processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da *organização* para a *interpretação*. (p. 6).

verificar como o “falar” dos indivíduos se comporta. É complexo prescrever regras a uma modalidade tão instantânea que é a fala, uma vez que se pode perceber sua mutabilidade a todo momento.

Encerrando essa apresentação da GTI, Jubran (2006) pondera que, ao trabalhar nessa perspectiva, deve se levar em consideração o fato da descontinuidade do texto falado, isto é, não se pode atribuir juízo de valor aos fatores do tipo hesitações, interrupções, repetições, correções, etc., comparando-os com a modalidade escrita. Não se pode julgar esses fatores como algo negativo ou considerá-los como “defeitos”, ou “disfluências”. Ao contrário, esses fatores são inerentes à construção do texto falado, auxiliando nas relações da interação, o que, muitas vezes, assegura a comunicabilidade dos interlocutores.

2.2.5.4 Concepção de Marcador Discursivo segundo a “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”

O espaço destinado ao estudo dos MDs na “Gramática do Português Falado Culto do Brasil” é tratado pelos pesquisadores Mercedes SanfeliceRisso, Giselle Machline de Oliveira e Silva e Hudinilson Urbano.

Conforme foi exposto na introdução, os elementos e estruturas linguísticas das quais as pessoas dispõem para produzir linguagem funcionam diferentemente nas modalidades de texto escrito e falado. Focando esta última, esses pesquisadores consideram que MD são “mecanismos envolvidos na organização textual-interativa dos textos de língua falada” (p. 403), caracterizando-os como

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada (RISSO *et al.*, 2006, p. 403).

Assim como já apontado na introdução desta dissertação, o fenômeno de Marcador Discursivo tem um tratamento diversificado por várias perspectivas, Risso *et al.* (2006) também expõem essa problemática: “no rastreamento de dados

bibliográficos disponíveis, não se observa a preocupação ou consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores” (p. 404).

Os autores, ao exteriorizarem essa preocupação, consideram necessário o estabelecimento de traços básicos identificadores do estatuto dos marcadores discursivos, pois isso garantiria uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza.

Risso *et al.* expõem que o estudo procedeu a um levantamento denso de unidades que têm sido, consensualmente ou não, apontadas como MDs, incluindo-se, por exemplo, alguns vocativos e interjeições, exemplares de modalizadores (como ‘realmente’), de operadores argumentativos (como ‘inclusive’), etc. Ao todo 1.298 ocorrências fizeram parte do levantamento. No projeto da GTI, são considerados MDs a partir de um contrabalanceamento de dez variáveis, que são:

Variável 1: padrão de recorrência

- 1 – de 1 a 3 vezes (baixa frequência)
- 2 – de 4 a 9 vezes (média frequência)
- 3 – de 10 vezes em diante (alta frequência)

Variável 2: Articulação de segmentos do discurso

- 1 – sequenciador tópico
- 2 – sequenciador frasal
- 0 – não-sequenciador

Variável 3: Orientação da interação

- 1 – secundariamente orientador
- 2 – basicamente orientador
- 0 – fragilmente orientador

Variável 4: Relação com o conteúdo proposicional

- 1 – exterior ao conteúdo
- 0 – não-exterior ao conteúdo
- 2 – não se aplica

Variável 5: Transparência semântica

- 2 – totalmente transparente
- 1 – parcialmente transparente
- 0 – opaco
- 3 – não se aplica

Variável 6: Apresentação formal

- 1 – forma única
- 2 – forma variante

Variável 7: Relação sintática com a estrutura oracional

1 – sintaticamente independente

0 – sintaticamente dependente

Variável 8: Demarcação prosódica

1 – com pauta demarcativa

0 – sem pauta demarcativa

Variável 9: Autonomia Comunicativa

1 – comunicativamente autônomo

0 – comunicativamente não-autônomo

Variável 10: Massa fônica

1 – até três sílabas tônicas

2 – além de três sílabas tônicas

Cinco dessas variáveis são as mais importantes para identificação de um MD, pois definem os traços prototípicos de MDs, formando o chamado núcleo-piloto de definição. As variáveis de que se fala são: 2, 3, 4, 7 e 9.

Dentro da GTI, os MDs foram divididos entre os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*. O primeiro grupo trata das articulações textuais e o segundo visa tratar das relações interpessoais. Foca-se este estudo neste último visto que, conforme a GTI, os itens *entender*, *saber* e *ver* (suas variantes) podem funcionar como MDs basicamente interacionais, levando em consideração as matizes de que esse tipo de MD se particulariza por: ser exterior ao conteúdo proposicional; ser sintaticamente independente; e comunicativamente não-autônomo (cfe. URBANO, 2006, p. 498).

Além desses traços prototípicos de MDs interacionais, Urbano (2006) diz que outros traços que auxiliam a identificar esse tipo de MD são:

a) transparência semântica – são naturalmente vazias ou apresentam perda semântica total ou parcial;

b) demarcação prosódica – são prosodicamente demarcadas;

c) massa fônica – as formas contêm um número de até três sílabas tônicas.

Após essas considerações, o texto “Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais”, de Urbano (2006), faz análise dos grupos que ele considerou como MDs que orientam a interação, e a divisão se deu da seguinte forma:

- a) *ah, ahn, hem?, uhn, uhn?*
- b) *certo, certo?, claro, exato;*
- c) *é, é claro, é verdade;*
- d) *entende?, entendeu?, sabe?, tá?, viu?*
- e) *mas;*
- f) *não é verdade?, não é?/num é?,né;*
- g) *olha/olhe, vamos ver, veja, vem cá;*
- h) *pois é, sei, sim.*

A esta pesquisa interessa observar o grupo cujos marcadores são *entende?,entendeu?, sabe?, tá?, viu?* e anotar o que Urbano (2006) considerou sobre os mesmos, ou seja, quais as análises feitas sobre esses marcadores.

Segundo Urbano, essas formas foram analisadas em conjunto dadas duas características principais: (i) são de fonte gramatical verbal; (ii) função única, de fáticos de natureza interrogativa.

Outra observação interessante apontada por Urbano (2006) é que esses marcadores têm a característica de não estarem sujeitos à flexão número-gênero-modo-temporal; entretanto, o que se constata é que: (iii) *entende?* e *entendeu?* são variantes da fonte verbal *entender*, com uso bem mais frequente de *entendeu?*; (iv) *sabe?* e *tá?* ocorrem só na forma do presente do indicativo; (v) *viu?* ocorre somente no pretérito perfeito.

A revisão de literatura deste trabalho considerou alguns dos estudos sobre MD a fim de entender e conhecer melhor o assunto, podendo situar MDs variados dos verbos *entender*, *saber* e *ver* dentro de uma categoria que subsidia a interação.

Embora já se tenha exposto que não é interesse desta pesquisa discutir a taxionomia do fenômeno, mesmo porque muitos questionamentos são levantados sobre isso, optou-se, aqui, por utilizar o termo *Marcador Discursivo*, pois parece ser uma designação mais abrangente, que engloba um universo maior de gêneros do

discurso. O termo *Marcador Conversacional*, por exemplo, pode induzir o leitor à concepção de que tal nomenclatura estaria ligada apenas ao gênero de uma conversação face a face (RISSO *et al.*, 2006, p. 404). Outro argumento lógico para consideração do nome Marcador Discursivo, é que este trabalho segue os postulados da “Gramática do Português Culto Falado no Brasil”, na qual o mesmo é empregado.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se o banco de dados (BDS) utilizado na pesquisa, discorre-se sobre os sujeitos envolvidos e mostram-se os procedimentos metodológicos empregados.

Em princípios do ano 2000, o Banco de Dados Sociolinguístico por Classe Social (VarX) surgiu como um projeto que fazia parte da tese do Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral (AMARAL, 2003) e teve como executora das entrevistas a Professora Giane dos Santos Jucoski; mais tarde, juntou-se ao projeto o Professor Dr. Paulo Borges/UFPEL (AMARAL, 2003, p.63).

Segundo Amaral (2003), o VarX surgiu da necessidade de se estudar com maior profundidade aspectos referentes a classes sociais (ocupação/profissão, renda/patrimônio e escolaridade) e suas implicações linguísticas. O VarX foi projetado, a princípio, com base na experiência do autor no planejamento e execução do BDS Pampa (UFPEL/UCPEL) e do banco de dados do Varsul.

Pelotas já possuía um banco de dados sociolinguístico semelhante ao VarX, o BDS Pampa; esse banco, entretanto, definia classe social a partir somente do fator escolaridade. Mesmo considerando o aporte do BDS Pampa ao constituir o VarX, Amaral teve em vista a formação de um BDS mais detalhado, empregando um questionário amplo que abrangesse fatores como renda, escolaridade, orientação e atitude linguística, e sugerindo um número maior de informantes.

Desta forma, o VarX veio a ser um banco de dados exclusivo da comunidade de fala de Pelotas, e que obedeceu a alguns critérios como, por exemplo, a zona de residência de cada informante, naturalidade, escolaridade, língua materna, variedades maternas, nacionalidade¹⁹.

¹⁹ Para um melhor conhecimento sobre a construção do VarX, ver Amaral (2003).

3.2 Informantes

Segundo Amaral (2003, p. 65), o VarX contém gravações de 90 informantes e tem uma distribuição equilibrada quanto às dimensões que o constituem: a) Gênero - 45 informantes do gênero masculino e 45 do gênero feminino; b) Classe Social - 30 informantes da classe social baixa, 30 da classe social média, 30 da classe social média-alta; c) Faixa etária - 30 informantes da faixa etária entre 16 e 25 anos, 30 da faixa etária entre 26 e 49 anos, e 30 da faixa etária com mais de 50 anos. A tabela abaixo mostra a distribuição pelas dimensões sociais de gênero, classe social e faixa etária no VarX:

TABELA 1 - Adaptado de Amaral (2003)

<i>Dimensão</i>	<i>Fator 1</i>	<i>Fator 2</i>	<i>Fator 3</i>	<i>Total</i>
<i>Gênero</i>	45	45		90
<i>Classe Social</i>	30	30	30	90
<i>Faixa etária</i>	30	30	30	90

Esta pesquisa teve como foco analisar duas das classes sociais polarizadas do VarX: baixa e média-alta, utilizando vinte entrevistas. Abaixo segue uma tabela simplificada onde são apontados os informantes pesquisados, ao lado da identificação do informante; entre parênteses está a indicação da faixa etária:

TABELA 2 - Relação de informantes da Classe Social Baixa

<i>Classe Baixa</i>	
Gênero Masculino	Gênero Feminino
VARX01 (16-20)	VARX02 (16-20)
VARX16 (21-25)	VARX03 (16-20)

VARX31 (26-37)	VARX17 (21-25)
VARX61(50-64)	VARX33 (26-37)
VARX76 (+ 65)	VARX63 (50-64)

TABELA 3 - Relação de informantes da Classe Social Média-alta

<i>Classe Média-alta</i>	
Gênero Masculino	Gênero Feminino
VARX13 (16-20)	VARX14 (16-20)
VARX28 (21-25)	VARX15 (16-20)
VARX29 (21-25)	VARX44 (26-37)
VARX58 (38-49)	VARX74 (50-64)
VARX70 (50-64)	VARX75 (50-64)

3.3 Procedimentos de Análise

Inicialmente, a pesquisa teve como objetivo analisar uma subamostra do VarX constituída de 19 entrevistas de informantes da classe baixa e 19 da classe média-alta, totalizando 38 entrevistas. Essa quantidade é a representação exata de informantes que o VarX possui nas extremidades do banco de dados.

À medida que as entrevistas foram sendo degravadas, foi observado que alguns dos informantes não usavam os itens *entender*, *saber* e *ver* (suas variantes) como MD, preterindo esses MDs por outros como *né?*, *não é?*, *assim*, etc.

Diante disso, optou-se por escolher aleatoriamente entrevistas que tivessem uma melhor qualidade sonora, reduzindo a quantidade de 38 para 20 informantes. Mesmo com a redução de informantes, ainda se estabeleceu que

fossem degravados (escutados) 10 informantes de cada classe social e de cada gênero. A tabela abaixo mostra como ficou disposta a degravação:

TABELA 4 - Relação do total de informantes pesquisados

	<i>Classe Social Média-Alta</i>	<i>Classe Social Baixa</i>
<i>Gênero Masculino</i>	5	5
<i>Gênero Feminino</i>	5	5

As entrevistas foram escutadas, coletando-se os exemplos em que os fenômenos – *entender, saber e ver* – apareciam. Os exemplos de cada informante foram transcritos mediante utilização do programa Excel, apontando-se o tempo em que o fenômeno se realizou. Logo após, levando em conta um tempo que mediasse entre 30 e 90 segundos, retrocedia-se a gravação para se transcrever momentos de fala que antecediam o fenômeno. O objetivo de tal procedimento era obter significativos trechos de fala para que auxiliassem na análise do(s) fenômeno(s). Concomitante a esse processo, anotou-se o assunto para que posteriormente fosse feita uma codificação.

Realizadas as degravações, estabeleceu-se a codificação dos dados levando em conta as seguintes variáveis: Linguísticas - Marcador Discursivo Interacional, Sequência Discursiva, Assunto, Concordância; Sociais – Classe Social, Gênero, Idade. A seguir, cada uma delas será explicada.

3.4 Envelope de variáveis

Em geral, as pesquisas sociolinguísticas variacionistas elencam suas variáveis tendo em vista os aspectos numéricos e estatísticos, preocupando-se em descrever um dado fenômeno levando em conta o fator quantitativo, pois partem do princípio de que este fator é determinante para caracterizar uma variação; entretanto

este trabalho (sem descartar o fator quantitativo) opta por dar uma ênfase no fator qualitativo, haja vista o baixo número de dados que foi descrito.

Como já foi sinalizado acima, durante a degravação, observou-se que parte dos informantes não produziram os MDs *entender, saber e ver*, escolhendo outros marcadores. Diante disso, a escolha das variáveis foi pensada como ilustração dos dados coletados; pois, independentemente da quantidade de dados, alguns resultados puderam ser considerados relevantes, como, por exemplo, o item *entender*, que sofreu variação em sua forma verbal, conforme se verá no capítulo de análise.

Mesmo que os dados numéricos e estatísticos não tenham sido suficientes para apontar variação entre os itens *entender, saber e ver*, nem de um mesmo item, é importante salientar o procedimento de transcrição dos dados, visto que com esse procedimento os dados são analisados de forma mais consistente, ou seja: com a transcrição dos exemplos, tem-se à disposição trechos de fala na modalidade escrita, para que se possa compreender melhor como o fenômeno acontece.

Abaixo se apresentam as variáveis linguísticas e sociais, exemplificando cada uma delas com trechos de fala dos informantes a fim de se entender os conceitos definidos de cada variável.

3.4.1 Marcador Discursivo Interacional

A ideia inicial de pesquisa era apenas controlar a variação de *entender* (suas diversas formas) como MD; mas, ao longo do estudo, outros MD foram incluídos para que comparações pudessem ser feitas.

Valle (2001), em sua pesquisa, estabeleceu *entende? sabe? e não tem?* como itens variantes da variável 'Requisitos de Apoio Discursivo'. Tomando como exemplo esse estudo, optou-se por elencar praticamente os mesmos itens estudados por Valle, neste trabalho, substituiu-se *não tem? (ter)* por *ver*.

A substituição se fez necessária por duas razões: a primeira é que o estudo dessa autora teve como informantes indivíduos de Florianópolis, pertencentes ao BDS VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil), em que o item *não tem?* é fato linguístico característico dessa região; a segunda provém de uma observação empírica que verifica *não tem?* como fenômeno não recorrente na comunidade linguística de Pelotas, daí a opção por *ver* (*viu?*, *visse?*) que aparentemente seria um fenômeno que apareceria nas entrevistas.

Para controlar a variável de MD interacionista, seguiu-se a legenda:

E – entender

S- saber

V- ver

3.4.2 Variáveis Linguísticas

3.4.2.1 Assunto

A tese de Amaral (2003), que tratou de analisar a concordância de segunda pessoa do singular na fala de Pelotas, considerou que “assunto” pode ser uma variável que contribui para haver variação. Segundo ele, “é possível que o tópico da conversa entre o entrevistado e o entrevistador tenha algum tipo de interferência sobre a aplicação de concordância de segunda pessoa do singular” (AMARAL, 2003, p.104).

Como um dos propósitos deste trabalho é verificar a variação dos itens *entender*, *saber* e *ver* no que se refere à aplicação ou não aplicação de concordância, assume-se essa variável como importante para detectar esse fator.

Os assuntos que surgem de uma entrevista sociolinguística podem ser muitos e de difícil classificação; portanto, optou-se por alguns grandes tipos de assuntos para que se estabelecesse a codificação. Além disso, observaram-se

precisamente os dados deste estudo para elencar seis tipos de assunto. Obedecendo a uma ordem alfabética, explana-se acerca de cada um deles.

O primeiro assunto em evidência foi *comportamento* – escolhido em função de apontar os momentos em que o informante falava de seu jeito de ser, ou quando analisava o comportamento de outra pessoa.

*por eu ser quieto mesmo, eu achava assim que muitas pessoas não se lembravam de mim, **sabe?! (VarX, 29, 25'00)***

O assunto *escola* se caracteriza pelos momentos em que o informante lembra o tempo em que viveu na escola, ou relata algum acontecimento que envolve o ambiente escolar. Muitas vezes a motivação para falar desse assunto vinha do entrevistador, quando este solicita para que o entrevistado conte algum caso, ou como era o tempo de escola do informante:

*eu me lembro muito assim das paradas da juventude que a gente..., **entendesse?! A gente se divertia muito toda semana da pátria naquela época, desde...desde os desfiles em si até as bancas que tinham na avenida (VarX, 70, 03'43)***

O assunto *família* pode ser verificado quando o informante conta como era sua relação com pessoas que fossem de sua família: pai, mãe, filho, tio, tia, primos, etc., ou, relatar fatos que envolvessem tais indivíduos.

*Depois fiquei mocinha, um dia o meu irmão mais velho, que é o Ataíde, disse "não vocês tem que ir, né?" Aí ele já tava namorando a Ilda, min/minha cunhada, aí nós começemoir u..., ou às vezes nós ia, não apeava dentro da carroça, **entendesse?! (VarX, 63, 28'53)***

Relações Interpessoais foi mais uma classificação que se estipulou para realizar o controle da variável assunto. Neste caso, buscou-se verificar os momentos de fala em que o informante se referia a uma pessoa que não fosse ligada a sua família, mas que mantinha algum tipo de relacionamento, como, por exemplo, amizade.

*Meus amigos foram de idade assim, se eu tinha quatorze, eles tinham vinte, vinte e um. Eu sempre, sempre (sempre) me::: me relacionava com pessoas mais velhas, então acho que...que eu fiz que::: de alguma maneira entranhasse em mim alguma coisa assim, sempre a frente assim do que eu pensava, **entendesse?! (VarX, 29, 16'51)***

Saúde foi considerada assunto, haja vista que os dados apresentaram momentos de fala em que o/a informante narrava algum fato que envolvesse problemas com sua saúde, ou com a saúde de um familiar ou amigo.

*Aí depois eu fiquei em observação, aí botaram aqueles () me apavorei, meu Deus do céu, e agora? E aí...eu...tá, fiquei em observação, aí de noite eu fiz exame, fiz exame de...de... fiz exame de raio-x, né, nesse meio tempo (que eu tinha ficado) em observação, fiz exame de raio-x, aí não apareceu nada, né? Aí tá, aí ficou pronto o exame, aí ele examinou e não viu nada, aí ele mandou fazer uma ultrassom, aí eu fiz a ultrassom lá dentro do hospital mesmo, aí apareceu, mas eles não sabiam definir o que que era, **sabe?! (VarX, 02, 29'28)***

Por último, elencou-se o assunto *trabalho* que foi subdividido em: manual, técnico, intelectual.

O *trabalho manual* se caracterizava pela narrativa em que o informante relatava algum tipo de trabalho de natureza braçal; em geral, esse tipo de trabalho vai estar relacionado à classe social baixa.

*cada dúzia de banana que eu vendesse a granel, aquela sobra era minha, porque eu tinha pegado duas dúzia da carroça e eu chegava na volta e pagava duas dúzia, **tu entendeu?! (VarX, 61, 30'26)***

O *trabalho técnico* e *intelectual* foram amalgamados como um mesmo assunto, visto a proximidade semântica dessas categorias. É importante salientar que esses dois assuntos se distanciam daquele que se denomina manual. Para exemplificar cada um deles, expõem-se, a seguir, trechos que representam o trabalho técnico e intelectual, respectivamente:

*A gente ouvia os professores dizer que o quinto ano era o pior, que a odonto na época era quatro anos, parece que agora ainda é mais vai passar para cinco, se já não passou, seriam dez semestres né? Mas na minha época eram oito semestres, mas era... era anual, então era quatro anos, e tudo que é professor dizia que o quinto ano era o pior, que aqui não tinha futuro, então isso eu já ouvia há trinta anos, acho que futuro tem sempre, desde que a pessoa saiba encarar com entusiasmo, **entendesse?! (VarX, 70, 11'15).***

*As coisas me dão muito assim na madrugada, que/que me dá o/ mas como eu durmo com a minha irmã do lado, eu não gosto de acender a luz, então eu escrev/ às vezes eu to em () (como é que se diz, nas escuras), essa aqui eu escrevi numa viagem, né, mas muitas coisas que tu vai (vê) aqui, eu escrevo assim, por exemplo, num estado quase que:: não sei se chama letárgico, sei lá como é que chama o estado ((interferência da entrevistadora)), éh (), então eu escrevo aquilo ali, no outro dia pra lê aquilo tudo é brabo, **entendesse, é difícil, né?! (VarX, 74, 24'29).***

Para codificação dos dados, seguiu-se a legenda:

C – comportamento;

E – escola;

F – família;

R – relações interpessoais;

S – saúde;

M – trabalho manual;

T – trabalho técnico;

I – trabalho intelectual.

3.4.2.2 Concordância

Mesmo que alguns trabalhos não considerem relevante observar a variação de Marcadores Discursivos no que diz respeito à concordância, considerou-se essa variável por dois principais motivos: primeiro, porque faz parte do trabalho e

do projeto inicial o controle dessa variável; segundo porque os dados do VarX mostraram variantes do item *entender* – *entendesse, tendesse, entendeu, entende*. A legenda para verificar a concordância é a seguinte:

C – com concordância

S – Sem concordância

Ø – não se aplica

3.4.2.3 Sequência Discursiva

O controle da variável sequência discursiva tem como base o trabalho de Freitag *et al.* (2009). Essas autoras apontam que a variável sequência discursiva tem se mostrado relevante na análise de fenômenos de variação e mudança, sobretudo fenômenos da área discursiva, como é o caso dos MDs; porém, os critérios para definição de delimitação dessa variável são pouco claros. Assim, o trabalho de Freitag *et al.* (2009) discute estratégias de controle dessa variável subcategorizando-a em: *narrativa, argumentação e descrição*.

Com relação à subcategoria *narrativa*, Freitag *et al.*, levando em consideração os trabalhos de Silva & Macedo (1996), Valle (2001) e Tavares (2003), fazem, primeiramente, uma discussão sobre a diferença entre *narrativa* e *descrição de vida*; essa segunda categoria é caracterizada como “trechos em que são relatadas situações habituais ocorridas no passado, como idas do informante à escola, como passava suas tardes, com o que costumava brincar etc.” (VALLE, 2001, p.116 *apud* FREITAG *et al.*, 2009).

Freitag *et al.* apontam que Tavares (2003) adota a mesma tipologia de Valle (2001) para caracterização da categoria de *descrição de vida*, e ainda amplia o conceito dizendo “descrição de vida é definida como relato de fatos que ocorriam habitualmente no passado, com predomínio de verbos no pretérito imperfeito” (TAVARES, 2003 *apud* FREITAG *et al.*, 2009).

Narrativa é conceituada como “relato em que o informante conta um ou mais fatos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo determinados

personagens, com grande presença de verbos no pretérito perfeito” (TAVARES, 2003 *apud* FREITAG *et al.*, 2009).

Apesar desses trabalhos apontados Freitag *et al.* (2009) estabelecerem uma diferença entre descrição de vida e narrativa, as autoras adotam essas duas categorias como sendo da mesma tipologia – *sequência narrativa* -, “já que ambas reportam algo ocorrido no passado, relacionando tempo, espaço, movimento, independentemente do verbo estar no perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito.” (FREITAG *et al.*, 2009). Diante das observações feitas pelas autoras, segue exemplo de uma sequência narrativa:

*Depois infeccionou o outro ouvido dele, aí:: tá. Aí ele teve febre, aí teve aquele... aquelas crise convulsiva, aí depois melhorou, aí teve febre de novo agora a pouco, esses dias tava com trinta e nove, aí nós damo... aí demo um banho nele, **sabe?! (VarX, 02, 48'53)***

A segunda subcategoria estudada por Freitag *et al.* (2009) é a sequência *descritiva*. Segundo elas, os informantes descrevem para: completar, ensinar, classificar e explicar alguma informação, ou fato, atendendo uma possível solicitação do entrevistador. Essas autoras observam o papel das sequências descritivas como fato evidente em alguns contextos da entrevista sociolinguística; todavia, emergem algumas questões referentes a essa subcategoria, como, por exemplo: a) de que outros meios se serve o entrevistado para inserir descrições na entrevista?; b) quais mecanismos linguísticos caracterizam sequências descritivas?; c) como definir o escopo de uma sequência dessa natureza?

Diante de tais dúvidas, Freitag *et al.* (2009) buscam respaldo em outros trabalhos – Tavares (1999; 2003), Dal Mago (2001), Valle (2001), Rost (2002), Martins (2003), e Freitag (2003) - na tentativa de estabelecer uma definição para sequência descritiva. As diferentes leituras sobre o que seria sequência descritiva fizeram com que as autoras chegassem à evidência de que “na definição de dada sequência descritiva, ora, para algumas autoras, **há um conjunto de características de objetos**, ora, para outras, **uma gama de ações (como fez algo)**”.²⁰ (FREITAG *et al.*, 2009).

²⁰ Grifos meus, em negrito

Outra observação destacada por elas é que há casos em que as sequências descritivas podem funcionar como um tipo de avaliação de determinado objeto ou pessoa. Muitos desses casos operam como pano de fundo de um contexto narrativo, podendo ser observado como um comentário, ou uma explicação que situa certa ação (FREITAG *et al.*, 2009).

Conforme apontam as autoras, vários são os olhares a respeito de sequência descritiva, portanto, elas propõem que seja feita uma melhor caracterização das sequências descritivas. Independentemente de não se ter um conceito bem definido dessa sequência, este trabalho considera os diferentes pontos de vista expostos por Freitag *et al.* (2009), destacando-os como relevantes na interpretação dos dados e para codificação. Segue um exemplo em que se pode verificar uma sequência descritiva:

*Então nós fomos nos estabelecer lá na XV de novembro, esquina Benjamin Constant, uma localidade, assim, uma:::, um local de:::, de residências, assim, muito boas, né, pessoas muito boas, e::: E lá a gente se relacionou muito bem com os vizinhos, naquele tempo, não sei como é hoje também, mas havia um relacionamento muito íntimo entre as vizinhanças, né?! E:::, e a gente:::, e era interessante:::, que era uma casa muito alegre, a nossa família. Nós recebíamos o pessoal de fora, os parentes, aquela coisa toda, a gente não era muito diferente de hoje, não é?! Então a gente recebia os parentes de fora e tal, e::: era uma casa cheia de alegria, cheia, cheia, cheia de alegria, sempre tinha lugar pra mais um. E::: e ass/ac/aquela quantidade de moças e rapazes, aquela coisa toda atraía também as pessoas que não eram daquela localidade, **entendeu?! (VarX, 74, 09'15)***

A terceira subcategoria – sequências *argumentativas* –, assim como as anteriores, procura considerar conceitos de outras pesquisas para que sejam discutidos tais conceitos a fim de destacar os pontos significativos desse tipo de sequência.

Um primeiro conceito de sequência argumentativa é “exposição ou justificativa do ponto de vista do falante sobre determinado tema” (TAVARES, 1999 *apud* FREITAG *et al.*, 2009), ampliando essa visão “as sequências argumentativas costumam ocorrer no tempo presente e com frequente uso de modalizadores, como *eu acho, pra mim etc*” (VALLE, 2001 *apud* FREITAG *et al.*, 2009). Com relação a este último conceito, Freitag *et al.* (2009) expõem que é preciso ter cuidado ao

caracterizar uma sequência argumentativa guiando-se pelas pistas linguísticas dos modalizadores *acho que, pra mim*, visto que o uso desses modalizadores podem ser encontrados em outros tipos de sequência.

Considerando estudos sobre expressões que desempenham funções relacionadas com o fenômeno da modalidade – Dal Mago (2001), sobre o *quer dizer*, e Freitag (2003), sobre *acho (que) e parece (que)* – as quais se enquadram em uma classificação bipartida (*opiniões e explicações*) para as sequências argumentativas, Freitag *et al.* (2009) dizem que “sequências explanativas são aquelas em que o falante expõe o motivo ou a razão de determinados assuntos. Já as opinativas são caracterizadas pela expressão do ponto de vista do falante sobre determinado assunto.”

Detalhando melhor essa conceituação bipartida de explicação e opinião, Guy *et al.* (1986) *apud* Freitag *et al.* (2009) sugerem que as “sequências argumentativas sejam relacionadas às questões colocadas pelo entrevistador. Sequências explanativas são desencadeadas por perguntas como ‘*qual o motivo dex?*’, ‘*por que x?*’; já as opinativas são desencadeadas por perguntas dirigidas diretamente ao falante, como ‘*o que você acha/pensa de x?*’”. Abaixo exemplo de sequência argumentativa:

*Às vezes no casamento... eu digo assim óh, no casamento tem regras, né, a mulher... a mulher é tudo. Diz, ah::: o homem trabalha, o homem faz o/, o homem é alicerce, não senhora, a mulher é o alicerce **porque** a mulher é amiga, a mulher é companheira, a mulher é lavadeira, a mulher é passadeira, a mulher é empregada, a mulher é a secretária, a mulher é tudo. A mulher é o alicerce do homem, a mulher é babá, ((interferência da entrevistadora)) é, sei lá, a mulher é professora, a mulher é tudo, **tu entendesse?! (VarX, 02, 14'33)***

Essas foram, portanto, as definições das sequências discursivas, as quais tomam-se por base para que as interpretações dessa variável fossem feitas a partir dos dados. A codificação estabelecida para controlar essa variável foi:

D – sequências descritivas;

A – argumentativas;

N – narrativas.

3.4.3 Variáveis Sociais

Visto que este trabalho buscou no VarX os dados reais de fala para que a pesquisa fosse feita, discorrer-se-á sobre as variáveis sociais de acordo com a Tese de Doutorado de Amaral (2003), uma vez que o VarX foi o projeto inicial para realização desse trabalho. Como já foi dito, a pesquisa de Amaral (2003) teve como objetivo analisar a concordância de segunda pessoa do singular na fala em Pelotas; por essa razão, far-se-á menção eventual ao fenômeno desse estudo, posto que é intrínseco à construção do referido banco. Todavia, o que se pretende com isso é apenas apresentar as variáveis sociais, observando seus critérios de elaboração.

3.4.3.1 Classe Social

Conforme Amaral (2003), o VarX obedeceu a alguns critérios para estratificar os informantes quanto à classe social. As três dimensões principais foram: econômica, profissional e educacional.

A primeira dimensão – econômica – levou em consideração o fator zoneamento da cidade, em três áreas. A primeira zona é o *centro*, com maior atividade econômica: as pessoas habitantes dessa zona tinham maior poder aquisitivo e patrimônio. A segunda zona se define genericamente como *arrabalde*, nos limites entre a área urbana e a rural: baixa atividade econômica e pessoas com menor poder aquisitivo e patrimônio. Por fim, a zona de *periferia*, entre o centro e arrabalde: caracterizada por situação econômica intermediária.

Para medir os efeitos da estruturação econômica de Pelotas sobre seus padrões de concordância, Amaral (2003) formulou os seguintes fatores para dimensão econômica:

A – moradores do arrabalde, com renda familiar média aproximada de 450 reais, com pouco patrimônio;

P – moradores da periferia, com renda familiar média aproximada de 670 reais, com algum patrimônio;
C – moradores do centro, com renda familiar média de 3850 reais, com muitos bens patrimoniais. (p. 106).

A segunda dimensão – profissional – considerou o tipo de atividade exercida pelo informante, respeitando o fator de hierarquização, ou seja: observou o papel que o informante desempenhava, “se o de quem dava ordens, se o de quem organiza e define como as ordens devem ser cumpridas ou se o de quem apenas cumpre ordens”(AMARAL, 2003, p. 107). Os fatores formulados por Amaral (2003) para a dimensão profissão foram:

M – ocupação manual, com a função de execução de trabalhos braçais em cumprimento a ordens de superiores ou a solicitações de clientes;
T – ocupação técnica, com a função de organização de tarefas;
I – ocupação intelectual, com a função de planejamento de trabalhos a serem executados. (p. 107).

A terceira dimensão – escolaridade – analisou o grau de escolaridade atingido pelo informante e seu tempo de permanência na escola. Implicada a este fator, também se considerou a escolaridade dos pais, no intuito de verificar a influência do letramento familiar sobre a concordância de segunda pessoa. Os fatores formulados para essa dimensão foram:

1 – escolaridade fundamental, dos informantes com escolaridade máxima de 8ª série, incluídos os analfabetos e semi-analfabetos;
2 – escolaridade média, dos informantes com 2º grau, completado ou não, mas que não frequentaram graduação universitária;
3 – escolaridade superior, dos informantes que concluíram ou estejam em vias de conclusão de curso superior. (p. 107).

Diante das dimensões apresentadas para a construção da variável classe social, conforme o VarX, este estudo focou a análise em duas classes sociais polarizadas: classe baixa – em que os informantes escolhidos residiam no arrabalde, exerciam profissões manuais e tinham baixa escolaridade; e classe social média-alta – em que os informantes escolhidos residiam no centro de Pelotas, exerciam profissões intelectuais e tinham escolaridade superior.

A legenda de codificação usada para este trabalho na variável classe social foi a seguinte:

B – classe social baixa;

A – classe social média-alta.

3.4.3.2 Gênero

Os fatores adotados neste trabalho para variável 'gênero' são os mesmos estabelecidos pelo VarX, ou seja, masculino e feminino.

A legenda adotada para essa variável na codificação foi a seguinte:

M – gênero masculino;

F – gênero feminino.

3.4.3.3 Faixa etária

A variável 'faixa etária', segundo o Banco de Dados Sociolinguístico por Classe Social, adota uma divisão geral com três faixas etárias:

- 1 – informantes com idades entre 16 e 25 anos;
- 3 – informantes com idades entre 26 e 49 anos;
- 5 – informantes com 50 anos ou mais. (AMARAL, 2003, p. 108)

Contudo, o VarX fez uma divisão em seis faixas a fim de ter uma maior clareza sobre o processo de aplicação de concordância de segunda pessoa do singular, adotou a seguinte codificação:

- 1 – informantes com idades entre 16 e 20 anos;
- 2 – informantes com idades entre 21 e 25 anos;
- 3 – informantes com idades entre 26 e 37 anos;
- 4 – informantes com idades entre 38 e 49 anos;
- 5 – informantes com idades entre 50 e 64 anos;
- 6 – informantes com 65 anos ou mais. (AMARAL, 2003, p. 108)

Para o controle dessa variável, este trabalho se utilizou da mesma codificação proposta por Amaral (2003).

Após a codificação dos dados, com a utilização do programa Goldvarb, foram feitas as análises estatísticas, cujos resultados são apresentados no capítulo que segue.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados obtidos por meio das rodadas estatísticas com a utilização do programa Goldvab.

Foram escutados vinte informantes do VarX. Dos vinte informantes, dez produziram algum dos fenômenos MDs *entender*, *saber* e *ver*. A tabela 5, a seguir, demonstra o fator de produção do fenômeno em relação à quantidade total dos informantes do VarX:

TABELA 5 - Demonstração da quantidade de informantes em relação à produção de MD

<i>20 – total de informantes</i>	<i>Produziu MD</i>	<i>Não produziu MD</i>
	10	10

Dos dez informantes que realizaram o fenômeno, seis eram do gênero masculino: sendo três pertencentes à classe social média-alta e três da classe social baixa; e quatro informantes do gênero feminino: três da classe social baixa e um da classe social média-alta. A tabela 6 demonstra a disposição dos informantes quanto à produção, observando classe social e gênero:

TABELA 6 - Demonstração de informantes quanto à produção dos MDs, observando classe social e gênero

	<i>Classe Baixa</i>	<i>Classe Média-alta</i>	<i>Total</i>
<i>Gênero Masculino</i>	3	3	6
<i>Gênero Feminino</i>	3	1	4
<i>Total</i>			10

Como dito anteriormente, a análise quantitativa deste trabalho focou três Marcadores Discursivos da Interação derivados de verbos: *entender*, *saber* e *ver*. Está demonstrado na Tabela 7, abaixo, primeiramente, que o total de ocorrências (cento e setenta) é relativamente baixo para o número de entrevistas analisadas (vinte). Cento e setenta dados é um número limitado para que se faça uma análise estatística adequada e confiável. De modo que, aqui, a abordagem quantitativa assume um papel acessório, isto é, apenas servirá de base à obtenção de dados gerais e de indícios de comportamento do fenômeno linguístico aqui abordado. Também será utilizada como ferramenta para se encontrar os exemplos adequados que ilustram a abordagem qualitativa.

Houve sessenta e seis ocorrências do marcador *entender*, o que corresponde a trinta e nove por cento do total de cento e setenta usos de Marcador Discursivo. O marcador *saber* foi utilizado mais vezes, em cento e três oportunidades, ou seja, em sessenta e um por cento do total. Já o marcador *ver* ocorreu apenas uma vez.

Comparando esses números com os de Valle (2001), pode se dizer que há uma similaridade de resultados. Em Valle (2001), de um total de quinhentas e vinte e uma ocorrências: a frequência de *entende?* foi de cento e treze vezes (22%); de *sabe?*, duzentas e três (39%); *não tem?*, duzentas e cinco vezes (39%). Nota-se, portanto, que o uso do MD *entender* é menor do que *saber* nesse trabalho, o que também se constatou neste estudo.

Esses dados refutam a hipótese “A₁” que defendia a ideia de que o item *entender* (variantes) era preferido como Marcador Discursivo. É importante destacar que essa hipótese foi formulada tendo em vista observações empíricas do pesquisador mediante suas relações interpessoais em que verificava uma incidência bastante expressiva do MD *entender*, conforme explicação da nota de rodapé de nº 8 (p. 16). Uma possibilidade de explicação para a contradição entre hipótese e os dados é que as relações interpessoais do pesquisador realizavam-se por meio de conversas face a face, o que se mostra diferente nas entrevistas sociolinguísticas: o gênero do discurso pode ser fator que contribui para maior ou menor existência dos MDs da interação de base verbal como os focados neste estudo.

TABELA 7 - Distribuição dos marcadores discursivos *entender*, *saber* e *ver* na amostra (ocorrências e percentuais).

Marcador Discursivo	Ocorrências / Total	Percentual
Entender	66 / 170	39%
Saber	103 / 170	60%
Ver	1 / 170	1%

Os casos de concordância nos Marcadores Discursivos se mostraram ainda mais restritivos para uma análise estatística. Como se pode verificar na Tabela 8, dos três marcadores analisados, apenas *entender* apresentou variação. Não houve nenhum caso de concordância verbal associada a *saber* dentre as cento e três possibilidades. E o único caso de *ver* apresentou concordância. De modo que, por serem dados categóricos, não se poderá seguir com a análise quantitativa de *saber* e *ver*, uma vez que não há como verificar se há associação com alguns dos fatores que motivaram a proposição das hipóteses deste trabalho associadas a aspectos linguísticos e extralinguísticos.

TABELA 8 - Concordância verbal dos marcadores discursivos *entender*, *saber* e *ver* na amostra (ocorrências e percentuais).

Marcador Discursivo	Ocorrências / Total	Percentual
Entender	35 / 66	53%
Saber	0 / 103	0%
Ver	1 / 1	100%

Desse modo, a análise seguirá apenas com os dados relativos a *entender*. Reiterando-se o fato de alguns informantes não terem produzidos MDs, conforme mostra tabela de nº 5, e o fato de que esses informantes produziram outros tipos de MDs, este trabalho considera que haver uma variação de MDs da interação pode estar relacionado ao fator estilo, isto é, o uso ou não de determinado marcador está condicionado a uma marca idioletal, na maioria das vezes. O indivíduo escolhe o marcador discursivo que trabalhe nessa função e não seria um fator linguístico ou social o motivador de tal uso.

A Tabela 9, a seguir, demonstra os resultados atribuídos à variável que controlou a influência do assunto da narrativa que está sendo produzida pelo informante no momento da utilização do marcador discursivo *entender*. Como se pode notar, são poucos os dados – apenas sessenta e seis – o que obriga a uma certa relativização das conclusões que podem ser tiradas. Seria de se esperar, caso se considere a provável relação entre *assunto* e *estilo*, que a concordância seria mais presente em narrativas cujo assunto versasse sobre um trabalho intelectualizado ou sobre o ambiente escolar, mais do que em narrativas sobre situações familiares ou mesmo de trabalho manual. Desse modo, seria coerente esperar que os percentuais e pesos relativos indicassem a seguinte gradação: trabalho intelectual > escola > relações interpessoais > família > trabalho manual. Essa coerência não está demonstrada na tabela, em que pesem os poucos dados.

O assunto *trabalho intelectual* apresentou setenta e um por cento dos Marcadores Discursivos com concordância e um peso relativo de 0,7. O assunto *família*, cujo percentual e número de ocorrências foram idênticos a *trabalho intelectual*, mas cujo peso relativo foi um pouco abaixo (0,65), ficou na segunda posição. Ainda significativo, o fator *relações interpessoais* – efetivamente com dados mais confiáveis pelo maior número de ocorrências – apresentou peso relativo de 0,6, com cinquenta e oito por cento de marcadores com concordância. *Escola* e *trabalho manual* não foram destacados como significativos.

TABELA 9 - Concordância verbal do marcador discursivo *entender* em relação à variável estilístico-discursiva assunto (ocorrências, percentuais e pesos relativos).

Assunto	Ocorrências / Total	Percentual	Peso Relativo
Trabalho intelectual	5 / 7	71%	0,699
Família	5 / 7	71%	0,655
Relações interpessoais	23 / 39	58%	0,609
Escola	1 / 3	33%	0,304
Trabalho manual	1 / 10	10%	0,075
TOTAL	35 / 66	53%	

Mostram-se abaixo alguns trechos em que o assunto *trabalho intelectual* e *família* têm a presença do MD com concordância de modo a justificar os resultados apresentados pela tabela. O primeiro trecho se refere ao trabalho intelectual; o segundo, família:

*Eu já tirei cursos de literatura, pretendo tirar outros, se Deus quiser. Só tirei um, pretendo tirar outros, mas esse aqui eu escrevi () eu não tinha tirado literatura, só que eu não sou, eu não sou uma pessoa disciplinada, então, é::: eu não gosto muito () aquilo, quando eu era criança, lá, feitoria, isso aqui é lá na feitoria. Então, eu não gosto muito de::: de::: muita técnica, **entendesse?! (VarX, 74, 21'53)***

*Como toda criança criada de chácara, a minha mãe mantinha (certo) controle, mas a gente tinha mais amplitude, né?! Tinha... a chácara tinha galpões, tinha animais, tinha diversos animais na volta da casa, **entendesse?! (VarX, 70, 01'20)***

Na parte inferior da tabela, têm-se os assuntos *trabalho manual* e *escola* como fatores que indicaram menos ocorrências para o Marcador Discursivo *entender* com concordância. Como dito acima, o assunto *escola* seria fator favorável à aplicação de concordância desse item; contudo, há apenas uma ocorrência para ambos os assuntos. Abaixo segue o exemplo dessa única ocorrência em relação ao assunto *escola*:

*Eu me lembro muito assim das paradas da juventude que a gente..., **entendesse?! A gente se divertia muito toda semana da pátria naquela época, desde... desde os desfiles em si até as bancas que tinham na avenida. (VarX, 70, 03'43).***

A possível explicação para essa única ocorrência pode estar ligada ao fator classe social, já que esse informante pertence à classe social média-alta.

Como já foi apresentado na introdução, quando da formulação das hipóteses deste trabalho, estabeleceu-se a variável sequência discursiva com o propósito de verificar se o uso de Marcadores Discursivos era maior em sequências narrativas, argumentativas ou descritivas. Focando o item apenas o item *entender*,

procurou-se levantar a hipótese em relação à taxa de concordância, se maior em sequências narrativas, argumentativas ou descritivas. Essas sequências são permeáveis à utilização de Marcadores Discursivos; porém, os dados mostraram como mais relevantes as sequências argumentativas e descritivas.

Em textos argumentativos, o marcador reforça menos a manutenção do turno e, mais, os aspectos da argumentação, dando ao falante a autorização para passar ao argumento seguinte, o trecho abaixo seria um exemplo disso.

*Há um empobrecimento, mas as pessoa/as lojas estão sempre, sempre, sempre, assim, naquela coisa, aquela ansiedade, aquela ansiedade, isso aí é muito mais, não é/a gente não pode olhar assim, a coisa assim. Ah::: meu Deus não tem o que comer, e tão vendo loja, não é isso aí, isso é uma/um/um::: problema ãh::: psicológico e que não cabe a nós...ãh::: julgar, entendeu como é? Isso é muito, é muito, mUltto mais profundo isso aí, é muito mais profundo... né... essa ansiedade que as pessoas tem, né, essa ansiedade que as pessoas tem de comprar... agora há um::: acho que há também um empobrecimento, assim, como é que eu vou te dizer, na parte da cultura, né, empobrecimento total, total, total, total, total! As pessoas podiam::: enveredar pelo caminho da arte, **tu entendesse?! (VarX, 74, 4'59)***

Como se pode notar, a informante, ao argumentar sobre empobrecimento da cultura das pessoas, propõe que elas rumem para o caminho da arte. O MD *entender* que aparece no final desse turno não parece estar colaborando apenas para marcar a interação, como também ressalta todo o argumento desenvolvido pela informante, tanto é que o MD está marcado pela segunda pessoa do singular (presença do pronome tu) e com concordância.

Em textos descritivos, isso aconteceria em enumerações, em simples descrições; mas, principalmente, garantiria a manutenção do turno, o que é uma justificativa razoável para se esperar mais marcadores em sequências discursivas descritivas, conforme se vê abaixo:

*A minha mãe era assim, se babava, ela tirava do bebê, ia lá no tanque e já lavava, **tendesse?! (VarX, 02, 16'42)***

*Minha mãe era muito assim caprichosa com nós, a gente nunca andou mal (estrapalhada), todas nós tem os dente óh: tudo bonito, eu tenho dezesseis anos, não tenho uma cárie, todas nós, **entendesse?! (VarX, 02, 16'52)***

*A gente se cuida, né, Giane, preparar, né, e tudo, entendessee?!
(17'01)*

Em uma gravação com duração de sessenta e nove segundos, a informante 02 do VarX, utiliza o marcador *entender* três vezes. Nesse curto espaço de tempo, observa-se que ela descreve como era o comportamento de sua mãe no que se refere às qualidades de ser asseada e caprichosa. Para tanto, a informante descreve algumas atitudes que a mãe tinha em relação a ela e suas irmãs, como, por exemplo, dizer que elas (informante e irmãs) não andavam mal vestidas, nem tinham problemas dentários. Isso demonstra o quanto a mãe tinha cuidado com as filhas. São sequências totalmente descritivas, com o objetivo de elencar, destacar algumas qualidades da mãe; sendo, portanto, marcadas pelo MD *entender* no intuito de estabelecer a interação com o interlocutor, não se nota um uso mais complexo do MD neste caso; tanto é que a forma verbal, nesse espaço de tempo, praticamente, não sofre tanta variação, o que se realizou diferentemente no trecho argumentativo, exposto acima, em que a marcação do MD *entender* contou com a presença do pronome “tu”.

Sob esse ponto de vista das sequências discursivas, o Marcador Discursivo da Interação – *entender* – pode ser um item multifuncional, pois não teria apenas a função de marcar a interação como apareceu nas sequências descritivas, mas também opera como item que reforça um turno argumentativo, conforme mostrado no exemplo da sequência argumentativa. Nesse sentido, o MD *entender* apropria-se, ao mesmo tempo, de um estado pragmático e abstrato, pois a intenção do falante ao produzir o MD *entender* visa observar se o interlocutor está percebendo a lógica argumentativa que o informante realiza, além de marcar a interação da fala.

Com relação à maior taxa de concordância em descrições, a justificativa reside no fato de que pode ser a descrição fruto de fala planejada, mais frequentemente do que ocorre com a argumentação, na qual ocorrem com grande frequência a fala improvisada. Entende-se, por extensão, que, em falas planejadas – posto que o conteúdo das sequências discursivas já seria de domínio do falante

antes da necessidade de narrá-lo – ocorre maior incidência de formas mais influenciadas pelo padrão escrito da língua.

TABELA 10 - Concordância verbal do marcador discursivo *entender* em relação à variável sequência discursiva (ocorrências, percentuais e pesos relativos).

Sequência Discursiva	Ocorrências / Total	Percentual	Peso Relativo
Descritiva	26 / 43	60%	0,605
Argumentativa	9 / 23	39%	0,310
TOTAL	35 / 66	53%	

A Tabela 10 demonstra exatamente isso: maior incidência de sequências descritivas (quarenta e três, no total) do que argumentativas (ao todo, vinte e três); maior taxa de concordância verbal em sequências discursivas descritivas (sessenta por cento) do que em sequências argumentativas (trinta e nove por cento). Os pesos relativos (0,6 contra 0,3) corroboram essas conclusões, já que se atribuiu significância à variável *sequência discursiva* como relevante para o uso do Marcador Discursivo *entender* com concordância verbal. Esses dados refutam a hipótese “A₅”, uma vez que o MD *entender* com concordância aparece mais em sequências descritivas do que em sequências argumentativas.

A Tabela 11, abaixo, demonstra que a ocorrência de concordância verbal associada ao Marcador Discursivo *entender* é maior quando os informantes pertencem à classe social mais alta da amostra, a classe média-alta. Isso confirma a hipótese B, em que foi exposto que a classe média-alta tenderia a produzir o MD *entender* mais próximo ao padrão. Nesse sentido, essa constatação só ratifica outras pesquisas sociolinguísticas, cujo resultado é o de apontar que classes mais favorecidas da sociedade produzem linguagem com concordância.

É importante salientar que o Goldvarb não selecionou tal variável como significativa e, por essa razão, não estão atribuídos os pesos relativos. Logo, serve apenas como indício observável nos percentuais de aplicação da concordância, que foram de cinquenta e sei por cento para a classe média-alta e de quarenta e oito por cento na classe baixa. Esses resultados seguem a mesma direção apontada pela hipótese deste trabalho, de que pessoas com maior capital econômico, profissional, de escolaridade mais alta e com maior acesso a bens culturais valorizados pela elite

tendem a usar uma variedade de língua sob maior influência da norma cultuada por essa elite.

TABELA 11 - Concordância verbal do marcador discursivo entender em relação à variável Classe Social (ocorrências e percentuais).

Classe Social	Ocorrências / Total	Percentual	Peso Relativo
Média-Alta	21 / 37	56%	*
Baixa	14 / 29	48%	*
TOTAL	35 / 66	53%	

Situação semelhante é a expressa pela Tabela 12, que apresenta resultados da variável *gênero*, a qual também não foi indicada como estatisticamente significativa para a concordância no Marcador Discursivo *entender*. A literatura sociolinguística tem dito reiteradamente que as mulheres usam uma variedade com mais marcas de prestígio linguístico. É exatamente isso o que está apontado na tabela: mulheres usam sessenta e quatro por cento de concordância verbal no marcador discursivo *entender*; ao passo que os homens, ao redor de um terço a menos (quarenta por cento) do que as mulheres, o que confirma a hipótese B_1 , em que foi exposta a ideia de que mulheres falam mais próximo ao padrão da língua do que homens.

TABELA 12 - Concordância verbal do marcador discursivo entender em relação à variável Gênero (ocorrências e percentuais).

Gênero	Ocorrências / Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	22 / 34	64%	*
Masculino	13 / 32	40%	*
TOTAL	35 / 66	53%	

Com relação à variável *faixa etária*, os resultados encontrados nesta análise, expressos pela Tabela 13, apresentam um indício de que os mais jovens usam mais o Marcador Discursivo com concordância do que os mais velhos, o que vai ao encontro do que é proposto por Guy (1981): a ascensão da escolarização das classes populares tem levado ao aumento do uso de formas linguísticas mais próximas do padrão culto; assim, pode-se dizer que jovens estariam usando a língua com formas mais próximas ao padrão culto. Esse resultado segue a mesma direção

apontada pela hipótese “B₂” apresentada na introdução e que contraria a tese de que o português brasileiro está perdendo marcas. São resultados, é bom reforçar, baseados em número pequeno de ocorrências, que obriga a uma utilização cuidadosa, de modo a evitar conclusões de caráter duradouro. Sessenta por cento dos usos do MD*entender* pelos mais jovens continuam marca de concordância verbal, taxa superior aos quarenta e sete por cento de utilização pelos informantes com idade entre cinquenta e sessenta e cinco anos.

TABELA 13 - Concordância verbal do marcador discursivo *entender* em relação à variável Faixa Etária (ocorrências e percentuais).

Faixa Etária	Ocorrências / Total	Percentual	Peso Relativo
de 16 a 25 anos	18 / 30	60%	*
de 50 a 65 anos	17 / 36	47%	*
TOTAL	35 / 66	53%	

5 CONCLUSÃO

Os estudos sobre Marcador Discursivo são bastante complexos, podendo este fenômeno ser analisado de diversas formas; o presente trabalho buscou verificar MDs da interação.

O referencial teórico aqui exposto refletiu sobre esse fenômeno, abordando diferentes trabalhos que já foram feitos sobre o assunto. Destacou-se a Perspectiva Textual Interativa como alicerce principal desse estudo, visto que essa perspectiva é parte integrante de um dos importantes trabalhos feitos no Brasil sobre língua falada – “Gramática do Português Culto Falado no Brasil” – em que o fenômeno de Marcadores Discursivos foi abordado, além de ter sido essa uma das primeiras referências para o referido estudo.

Os postulados da GTI em relação aos Marcadores Discursivos da Interação são consistentes; porém, este trabalho sugere uma rediscussão do conceito de MD Interacional. Visto que as análises sugeriram uma multifuncionalidade do *entender* como MD, esse item não se constituiu apenas como fenômeno que é exterior ao conteúdo proposicional, sintaticamente independente, e comunicativamente não-autônomo; além disso, notou-se que ele pode funcionar concomitantemente – em sequências argumentativas, por exemplo – como MD da interação e forma verbal na sua essência semântica, pois o informante procurou verificar a compreensão do interlocutor, como exemplificado na página 72.

A Sociolinguística Variacionista foi a teoria escolhida como método de análise para averiguar a variação dos fenômenos. Essa teoria tem uma preocupação com fator quantitativo dos dados, uma vez que vê nesse fator algo determinante para explicar um fenômeno em variação; porém, os dados deste trabalho foram poucos, por isso procurou-se mencionar repetidas vezes esse fato, para que ficasse claro que a teoria serviu como subsídio para que alguns indícios fossem apontados, como os que seguem (levando em conta a variação do item *entender* e o fator da taxa de concordância).

Com relação às variáveis sociais, o MD *entender* vai ao encontro da maioria dos trabalhos sociolinguísticos que levam em consideração o

fatorconcordância: classes mais altas e mulheres produzem linguagem mais próxima ao padrão.

Jovens, conforme Guy (1981), produzem linguagem mais próxima ao padrão. A teoria desse autor reside no fato de que, se há mais jovens na escola, haverá mais produção de língua próxima ao padrão. Esse fenômeno acontece em função de que as políticas públicas têm fomentado o acesso à educação para maioria da população infanto-juvenil. A possibilidade de ingresso nas universidades brasileiras, atualmente, depende bem menos que no passado dos fatores classe social, situação econômica, por exemplo, sem falar em leis, programas e projetos que buscam integrar jovens e crianças à escola nos ensinos de níveis básicos.

Com relação às variáveis linguísticas, percebeu-se que as sequências discursivas é que foram consideradas mais importantes para a variação do *entender*. As sequências descritivas são responsáveis pela maior produção do MD *entender* com concordância; e a justificativa possível seria o caráter de fala planejada dessas sequências.

Conforme apontado na análise dos dados, a hipótese “A₁” foi refutada por causa dos resultados que mostraram o MD *saber* como sendo o mais produzido que *entender*; a explicação estaria no fato de que a hipótese levou em consideração a observação do MD *entender* somente nas relações interpessoais do pesquisador, donde se inferiu que o gênero do discurso pode ser fator determinante para a realização desse marcador. Diante disso, este trabalho considera importante a realização de pesquisas em outros tipos de registros orais, como, por exemplo, conversas face a face; e não apenas estabelecer outro gênero do discurso, mas, também, subcategorizá-lo, pois se pode ter uma conversa face a face que esteja associada a uma relação profissional, familiar, escolar, etc. É, pois, importante especificar adequadamente esses gêneros do discurso para que haja resultados significativos.

Na entrevista sociolinguística, não obstante a presença do entrevistador como interlocutor do entrevistado, quem praticamente produz fala é este último, o que, aparentemente, poderia caracterizar a entrevista como um monólogo, justificando o fato da baixa produção de Marcadores Discursivos da Interação;

aconversa face a face, dependendo do seu contexto, sugeriria a utilização mais frequente desses tipos de MDs dos quais se tratou aqui.

Cabe salientar que o percurso realizado por este trabalho se constituiu em destacar o fator qualitativo dos dados, descrevê-los e, a partir de consideráveis trechos transcritos, realizar análises que visassem o aspecto funcional dos discursos.

Os dados insuficientes não podem apontar adequadamente variação dos itens *entender*, *saber* e *ver* como sendo de uma mesma variável, a de Marcadores Discursivos da Interação; nem mesmo apontar variação do item *entender*, pois foi o MD que sofreu variação em sua forma verbal; no entanto, são exatamente essas conclusões que, a partir de agora, propõem outros estudos a fim de corroborar para o entendimento da complexa estrutura da Língua Portuguesa, mais especificamente da linguagem da comunidade linguística de Pelotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luis Centeno do. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

CALVET, Loius-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FREITAG, Raquel M. Ko. *etal. O controle do gênero textual/seqüências discursivas na motivação da variação linguística: apontamentos metodológicos*. In: *Odisseia*, nº 3. 2009.

GUERRA, Alessandra Regina. *Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos*. 2007. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, 1981, 391p. Tese (Doutorado em Linguística). University of Pennsylvania, 1981.

JUBRAN, Célia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. V. 1. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

KODIC, Marília de Toledo. *A caracterização do discurso oral por meio de Marcadores Conversacionais*. In: Revista Anagrama. Ano 1 – Edição 3. Março/Maio, 2008.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACEDO, Alzira Tavares de; SILVA, Gisele Machline de Oliveira. *Análise Sociolinguística de Alguns Marcadores Conversacionais*. In: *Variação e discurso*. Macedo *et al.* (orgs.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Grupo de Estudos Discurso & Gramática: UFRJ, 1996. Disponível em: http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf. Acesso em: 15/04/2012, às 02.00h. Não paginado.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PENHAVEL, Eduardo. *Sobre as Funções dos Marcadores Discursivos*. In: Estudos Linguísticos XXXIV: Trabalhos Seleccionados do 52º Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 2004. Disponível em: <http://www.gel.org.br>. Acesso: 02 maio 2013.

RISSE, Mercedes S. *et al.* Traços Definidores dos Marcadores Discursivos. In: *Gramática do português culto falado no Brasil*. Jubran e Koch (orgs.) V. 1. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

VALLE, Carla Regina Martins. *Sabe? ~ Não Tem? ~ Entende?*: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. 2001. 172f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: *Análise de textos orais*/Dino Preti (org.). 6ª Ed. São Paulo: Humanistas Publicações FFLCH/USP, 2003.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. In: *Gramática do português culto falado no Brasil*. Jubran e Koch (orgs.) V. 1. Construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

Anexos

Informante	Tempo	Trecho de texto
16	05'20	Entrei pra quinta série, repeti três anos a quinta série, passei, daí eu fui pra sexta no Imaculada.Daí eu rodei acho que foi um ano no Imaculada, na sexta série.Daí eu parei, acho que um ano, éh, parei um ano, daí voltei estudar de noite.Daí ali comecei a::: trabalhar de servente de pedreiro, às vez até no metro, e pegava ((interferência da entrevistadora)) e assim ((interferência da entrevistadora)) é lenha, () aquelas tora de lenha grande aquelas, sabe?!
31	11'12	Geralmente eu trabalhava em depósito, encaixotava lata, desencaixotava, rotulava lata, passava um rótulo em volta da lata, sabe?!
61	27'52	Aí vendia banana, depois quando chegava na volta, entregava a outra metade de volta, (tu entregue), tu entendeu?!
61	30'26	Cada dúzia de banana que eu vendesse a granel, aquela sobra era minha, porque eu tinha pegado duas dúzia da carroça e eu chegava na volta e pagava duas dúzia, tu entendeu?!
61	30'32	Aquelas banana que eu tinha vendido avulso, eu ganhava porque eu vendia por unidade, tu entendeu?!
61	31'43	Aí eu via o ônibus passa lá diante, eu dizia olha por lá, aí eu ia de atrás, tu entendeu?!
61	31'52	Até onde que o ônibus ia, eu ia.Lá eu parava...lá eu parava, quando passava outro ônibus eu via pra que lado ele ia, ia de atrás, tu entendeu?!
61	01:00'14	Toda vez que eu...que eu chegava no serviço, eu tinha que verificar a temperatura que tava lá dentro das... das câmara de congelamento, que era pra verificar a hora que eu saia pra ver o que que eu tinha feito, que eu tinha produzido, tu entendeu?!
61	01:01'35	Porque no momento que eu deixasse elevar a temperatura, eu tava perdendo, e/e/eu perdendo o:: a:::, eu tava perdendo o:: aco/corrida, né, eu tava perdendo:: a::, eu tava trabalhando com um maquinário em vão, né, eu não tava produzindo, tu entendeu?!
2	05'13	Primeiro que ela tava grávida (né) porque ela tinha quinze anos na época.Primeiro que ela tava grávida e quis se matar. Segundo, que ela...que ela não tinha passado nas prova, parece que era do Cefet, alguma coisa assim, (...) éh.E aí ela não conseguiu passar e se matou e depois apareceu o no/nome dela que não tinha passado, alguma coisa assim. E a terceira hipótese, foi que eu achei assim:::, quer dizer, entrou na minha lógica, entendesse?!
2	05'26	Fizeram uma confusão assim óh: que ela tinha o namorado dela e alguma coisa tinha acontecido entre eles e ele tinha matado ela e entrou na lógica porque ela/ela levô um tiro no peito, tu entendesse?!
2	05'35	Se ela fosse se matar, ela teria dado um tiro na cabeça, na boca, só que foi no peito, ela ia fazer assim...como é que ela ia puxar o gatilho, né, tendesse?!
2	06'07	Era uma guria bonita, né?E aí se tinha alguma bobagezinha, alguma coisa, eles ficavam como se fosse protetor, porque eram os homens da casa, não tinha mais pai, então eles ficavam como se fosse o mandão dela, tendesse?!
2	06'56	Um dia o::: pai...o pai do meu marido, meu sogro, tava aí, né, que ele mora na Embrapa, né, ele cuida duma, duma fazenda lá. E o Daltro começou a gritar e o pai dele levantou a mão e disse assim “quem grita mais alto aqui dentro sou eu”.E o Daltro só olhou pra ele, baixou a cabeça e ficou bem quietinho, sabe?Se apertava assim, mas eu acho que se o Nico ficasse aqui mais tempo, se ele não fosse bobo, tivesse autoridade...porque quando ele tá são, meu filho, tu nem fala com ele, não dá para falar nada, tendesse?!
2	06'58	Ele é bem homem sério, entendesse?!
2	07'07	Agora quando ele () ele fica bobiando, e se ele e o Nico ficasse mais tempo em casa, eu teria mais autoridade, mas (aí seria)...pior que o (Dado) puxou a

		ele, tu entendesse?!
2	14'33	Às vezes no casamento... eu digo assim óh, no casamento tem regras, né, a mulher... a mulher é tudo. Diz, ah::: o homem trabalha, o homem faz o/, o homem é alicerce, não senhora, a mulher é o alicerce porque a mulher é amiga, a mulher é companheira, a mulher é lavadeira, a mulher é passadeira, a mulher é empregada, a mulher é a secretária, a mulher é tudo. A mulher é o alicerce do homem, a mulher é babá, ((interferência da entrevistadora)) é, sei lá, a mulher é professora, a mulher é tudo, tu entendesse?!
2	15'03	E aí, a minha mãe era assim, aprendeu assim e é assim.Então ela se dedicava muito a tudo, e esquecia do meu pai, né?Só que aí, nesse meio dessas regra, né, dessa sequência de profissões que a mulher tem no casamento, a mulher tem que ser mãe, que a mulher tem que ser namorada, a mulher tem que ser esposa, a mulher tem que ser tudo.A mulher tem que ser aquela...aquela... aquela assanhada que a gente vê na televisão, sabe? Que rebola...a mulher tem que ser... tendesse?! Pra segurar, né?!
2	16'42	A minha mãe era assim, se babava, ela tirava do bebê, ia lá no tanque e já lavava, tendesse?!
2	16'52	Minha mãe era muito assim caprichosa com nós, a gente nunca andou mal (estrapalhada), todas nós tem os dente óh: tudo bonito, eu tenho dezesseis anos, não tenho uma cárie, todas nós, entendesse?!
2	17'01	A gente se cuida, né, Giane, preparar, né, e tudo, entendesse?!
2	10'25	Eu gosto de pêssego duro, né?Aí sabe o que eu fazia? Apertava assim bem nele, sabe?!
2	10'53	Sabe aqueles pacotinho que vem com azeitona, com vinagre dentro? Eu fazia assim óh: pegava o pacotinho, tomava toda a água com vinagre e depois comia as azeitonas com (caroço), me dava uma diarreia, e não podia...era instantâneo, sabe?!
2	12'38	Quando eu engravidei, o meu pai tinha uma coleção de vinho, né?Aí todo...até ele se separar da minha mãe a gente sempre abria, abria, abria, abria, abrindo, abrindo e aí sobrou um.Eu engravidei e aquele vinho tava bem escondido e eu fui lá e peguei o vinho. Aí eu dizia assim pra...pra minha colega, tinha duas colega comigo, né, "ai eu quero tanto comemorar minha gravidez que eu vô fazer...olha pra estante ali ((emitiu som de espanto)), o vinho"Fui lá, abri, comecei tomar, tomar, tomar, tomar, tomar, tomar, aí eu digo "tá gurias,vamo embora que eu não tô me sentindo bem". Não mas eu tenho que ficaEla lavando aquilo, a "Giza" limpou tudo, sabe?!
2	13'18	Abri o pacote, aí botei o óleo aquecer, bo/ nem aqueceu o óleo, botei, não botei sal não (lavou) não fez nada.Aí botei no:::, aí quando provei que tava sem sal, botei e aí comi, ah:::cheguei a fazer assim, sabe?!
2	13'19	Era u::: sabe?! Eu pensava assi:::m que dese:::jo.
2	14'02	Quando eu era menor, né, claro meu pai e minha mãe nunca brigaram assim de tapa, essas coisa assim.Mas igual, né, eles discutiam muito, eles...porque... tu sabe?! Às vezes no casamento... eu digo assim óh: no casamento tem regras, né, a mulher, a mulher é tudo...
2	15'01	E aí, a minha mãe era assim, aprendeu assim e é assim.Então ela se dedicava muito a tudo, e esquecia do meu pai, né, só que aí nesse meio dessas regra, né, dessa sequência de profissões que a mulher tem no casamento, a mulher tem que ser mãe, que a mulher tem que ser namorada, a mulher tem que ser esposa, a mulher tem que ser tudo.A mulher tem que ser aquela...aquela...aquela assanhada que a gente vê na televisão, sabe?
2	16'31	Hoje ele é casado com uma mulher, quatro anos mais velha do que eu, tem vinte, ele tem quarenta e oito, acho que é quarenta e oito.E::: a mulher é relaxada, fede a asa, a tudo, né, fede a bacalhau ((risos)), fede a bacalhau, e o guri dela sempre tá com as perna tapada de merda, tem quatro an/ vai

		fazer quatro aninhos agora em janeiro e faz cocô na calça, ele é meio assim, ele não é doente, sabe?!
2	16'31	Mas ele é meio mangolãozinho, sabe?!
2	17'17	Ele é tão queridinho, sabe? A gente chega lá e ele faz assim, estende a mão ((risos)) pra cumprimentar, que o meu pai ensina, que o meu pai é muito ah:::essas coisas, sabe? De ter que cumprimentar...
2	27'35	Quando eu estudava de tarde, não gostava de ir pro colégio, quer dizer, gosta gostava, mas sabe que final de ano cansa, né, já passou toda aquela euforia do colégio. E aí eu/eu comia...eu comia desde sábado, tudo o que eu comia, eu vomitava, botar pra fora...botar pra fora e fiquei assim óh: não comia nada, nada, nada, nada, nada, nada. E aí chegou segunda-feira de manhã, e eu sentada olhando desenho e tava com aquela revolta...aquela revolta e só vomitava, não tinha nada pra vomitar, vomitava água, assim uma diarreia, sabe?!
2	27'41	E::: não, não conseguia caminhar, não conseguia urinar, não conseguia botar o pé no chão, sabe?!
2	28'17	Eu não saía da onde eu tava() levar pra um lado, se eu tivesse que me locomover até o banheiro tinha que me segurar e não podia sentar no vaso, tinha que me segurar um aqui, outro aqui. E aí a minha irmã/ minha mãe trabalhava, e a minha irmã ficou lá, né, que ela tinha dormido aquele fim de semana lá, a Márcia, e tirou uma ficha pra mim no postinho, e bem na hora que eu ia ser chamada, a minha mãe chegou lá... chegou do serviço nem almoçou. Era o pediatra Daltro Rodrigues, e aí eu fui, entrei, e aí ele/ali me examinou, né? Primeira coisa que ele fez foi tocar assim, no meu lado, assim, no lado, assim, sabe?!
2	28'39	Ele deu uma ordem pra mim, pro pronto socorro da...pronto socorro da..do hospital de clínica e entrar direto, aí chegamos lá, entrei, aí fiquei esperando lá, não podia comer, e eu tava loca de fome, sabe?!
2	29'28	Aí depois eu fiquei em observação, aí botaram aqueles () me apavorei, meu Deus do céu, e agora? E aí...eu...tá, fiquei em observação, aí de noite eu fiz exame, fiz exame de...de...fiz exame de raio-x, né, nesse meio tempo (que eu tinha ficado) em observação, fiz exame de raio-x, aí não apareceu nada, né? Aí tá, aí ficou pronto o exame, aí ele examinou e não viu nada, aí ele mandou fazer uma ultrassom, aí eu fiz a ultrassom lá dentro do hospital mesmo, aí apareceu, maseles não sabiam definir o que que era, sabe?!
2	29'30	Era uma macha preta, era uma bolsa preta, sabe?!
2	30'26	Tá, como eles não sabiam o que que era, eles disseram que iam ter que me operar. Aquilo dali não podia tá ali, né, aquela mancha preta não podia tá ali. Então alguma coisa é, eles iam ter que me operar de qualquer jeito, e aí me abriram tipo cobaia assim, não sabiam porque que tavam me operando, mas me abriram. A suspeita era de peni/pendicite, mas...aí fiquei em observação, aí o doutor foi lá falar comigo...pra mim...que eu ia fazer uma cirurgia pápápá-pápápá. Tinha uma coisa errada dentro de mim, que de repente, né () coisa assim, né?! Aí tá, quando eu vi isso, bah:::, é meio chato, né, tu saber que tu pode entrar numa mesa e não sair. E aí a minha tia tav/ta segurando a minha mão, tava a minha irmã lá, minha mãe parece que tava, e::: tá e me operaram...na hora de entrar, assim, sabe?! Que eu já fui pro:::eu não sei se eles dão o sedativo antes de tu entrar pra sala de cirurgia e depois dão a anestesia, eu não sei como é que é.
2	31'12	Sei que eu entre assim, e a minha vó disse assim “fica olhando lá pra cima que tem uns espelhinho, tem umas luzinha, fica olhando (até tu enxergar)” e eu, bem,() as luzinha e papiando, conversando assim, né, como eu tô agora e chegou um...um bigodudo assim de óculos...chegou um bigodudo de óculos, daí ele falou::: Daí o outro perguntou assim é::: “faz, faz na veia, né,

		faz no soro a anestesia".Ai!É uma agu/uma seringa de metal, com uma agulha enorme, sabe?!
2	31'22	Aí eles fizeram a anestesia, eu conversando assim, quando vê, apagou.Aí depois eu me acordei, sabe? Olhei pra cima, tudo branco, né?!
2	33'54	Viram, aí viram que ti/tinha acontecido assim óh: que arrebentou... quearrebentou:: e:: arrebentou e::e grudou na bexiga, sabe?!
2	34'00	Depois eles botaram, sabe? Eles mostraram pra mãe o que que era
2	34'04	tipo um (nilo), sabe?!
2	36'26	Aí eu passei a estudar no Caíque de novo.No horário de emergência que era das cinco as nove, das cinco e dez às cinco pras nove, e...eu ia no colégio todo dia, fui até o fim do ano, só que matava as aula às vezes.Acabei rodando por infrequência só numa matéria, só na matéria de português, eu passei na/na/nas matéria, sabe?!
2	41'17	Ai!Na hora de nascer, claro né, que daí é uma história bem longa ((risos))...tá, o trabalho de parto foi doloro::so, o trabalho de parto foi doloro::so, é horrível, éh::, mas também na hora de sair assim, quando nasce é aquela coisa que aparece em filme, sabe?!
2	41'22	Quando tu... que nem no Ghost quando morre uma pessoa, vem uma luz, assim, sabe?!
2	41'28	Aquela luz divina...e a hora de vê é a mesma coisa, parece uma luz divina, uma coisa assim, parece que é tudo em câmera lenta, sabe?!
2	42'32	Ele não conseguia mamar, né, era difícil dá o seio pra ele porque ele não pegava, é por isso que eu tenho uns tetão assim.Na meia-noite, sabe , do dia 24, tava eu, minha sogra, assim, eu tava dormindo, e tinha um cara lá embaixo que dizia assim "Feliz Natal"...
2	43'25	Quando eu ganhei, ganhou...aMarlete, uma mulher que tava do meu lado...ganhou uma alemoa... ganhou uma gurizinha linda, linda.Não, tinha ganhado gêmeos, dois gurizinhos...éh, ganhou gêmeos, só que um bebeu água do parto, só que não foi pro pulmão, né, foi...subiu pro cérebro, né?! Ele ficou bem, ele ficou bem ((interferência da entrevistadora)) Nã::o, não, aliás, não subiu pro cérebro, subiu pro pulmão, e aí aspiraram ele direito, ele ficou bem, eu sei que...claro, ela não podia vê ele, né, () pra ele, e eu dizia assim: ai!Depois que/ antes de eu saí daqui eu quero vê ele, não pude vê ele, ele não pode vim, sabe?!
2	43'40	Ele ficou lá.Aí, todo dia, eles davam uma porcentagem de vida dele, né, como é que tava... Ah, "hoje ele tá setenta por cento bom".Ah, "hoje ele tá cinquenta por cento bom", aquela coisa toda e "eu não consegui vê ele" ((risos)). Éh, eu dizia, assim, sabe?!
2	44'12	Quando ela chegou lá, claro, quando eu cheguei lá ela já tava, né?! E aí eu olhava pra ela, como ela só tinha um nenê e ela dizia que tinha gêmeos, eu pensava que ela tinha ganhado um e tinha ficado com outro na barriga, porque ela tinha um barrigão, era uma barriga enorme, grandona assim, bem redondinha, parecia que ela tava grávida ainda. Ela tinha um barrigão, eu dizia: "tá, mas ela"/.Aí a (Maria) disse "não, ela já ganhou", não sei o que porque, cla::ro a gente fica quando (), mas eu não fiquei tão assim como ela, ela ficou com uma barriga enorme, assim, sabe?!
2	44'36	A primeira vez assim que eu fui... fui no banheiro assim, quando me sentei assim, aí eu olhei aquela pelanca tapava tudo ((risos))...eu dizia... "meu Deus do céu o que que eu faço?" Botei cinta, tudo, aí depois eu fui normal, aí depois eu fui me embora () peguei o ônibus, eu não tinha... tinha medo de subi no ônibus, sabe?!
2	48'05	Aí eu levei ele pro pronto socorro no outro dia, porque ele teve febre. Levei no pronto socorro.Aí cheguei lá, a doutora Tereza me atendeu, atendeu ele, aliás.() Aí ela examinou ele, "ah () tá com dor de ouvido", eu digo... "bah, tu

		vê"...aí eu disse assim pra ela... "examinou os ouvido?" ((a partir daqui, parece que a informante reporta o discurso da médica)) "vi também, eles tão com uma coisinha branca e essa parte vermelha, sabe?!? "
2	48'53	Depois infeccionou o outro ouvido dele, aí:: tá. Aí ele teve febre, aí teve aquele... aquelas crise convulsiva, aí depois melhorou, aí teve febre de novo agora a pouco, esses dias tava com trinta e nove, aí nós demos... aí demos um banho nele, sabe?!?
2	48'56	Assim, tá, demos um banho nele, botei uma água quente, assim, sabe?!?
2	49'21	Quando eu fui pra fora, sabe?!?
2	50'54	Aquele dia, eu não sei se tinha acontecido alguma coisa () e aí nós ia camperiar, né, bah:::, é tri massa, às vezes, no campo quando não tinha...quando não tava lavrando, sabe?Quando não tinha homem trabalhando
2	51'30	Um dia nós vínhamos descendo, né, assim naquele...porque...tá:: a terra tava pronta pra plantar, né, elas vinham galopeando assim na descida, e aí/e a minha égua galopeando () e eu não tava com os pé no estribo, nem nada, não tava nem preparada, sabe?!?
2	52'50	Comia todo dia pipoca () que lá eles vendiam, vendiam de caminhão tudo por fardo assim, né, e ela comprava aquela tripa grande de...caldo de galinha fazia todo dia pra nós comer, coisa bem boa, pipoca, então, era aquele saquinho, sabe?!?
2	53'19	Tá, no ano novo, tá...no dia trinta e um, eles botavam, eles botaram... a égua ficou arisca, né, como é que se chama aquilo, arame parece que botam, corrente... alguma coisa, assim, que botam na égua, sabe?!?
2	53'25	((interferência da entrevistadora)) não, aí ela tá:::, ela tava bem arisca, sabe?!?
2	53'36	Bem arisca, né, ficou super arisca , né, aí eles botaram, aí não sei como é que ela se soltou, se passaram no arame, assim, sabe?!?
2	53'42	E ficou um pedaço da carne, assim, quebrou o osso, tchê, () quebrou o osso, sabe?!?
2	54'06	Dia primeiro, ninguém, ninguém, ninguém, ninguém queria matar a égua, né, pra égua não sofrer, tinha um fazendeiro lá que criava cavalo, ofereceu cavalo pra ela, né, pra Rejane, e ela não quis. Já pensou, de ano novo assim, receber aquele presente?Ninguém matava a égua, ninguém matava a égua, e depois a gente só viu os tiro, fui lá, tinha muito bicho, sabe?!?
2	54'14	Tipo quebrou o osso bem assim () ficou um osso pontudo e o pedaço do... pelo couro ficou dependurada a pata, sabe?!?
2	55'33	uma nuvem assim se mexendo, sabe?!?
2	55'34	muito bicho, sabe?!?
2	55'35	tem pelo, sabe?!?
2	55'46	Ahh tinha o::: seu Tita, era um, era uma cara, sabe?!?
2	55'52	Era um cara, ele morava sozinho, não sei se ele era meio loco da cabeça, sabe?!?
2	56'25	E ele sempre ia pra lá, lá pra casa da Rejane, seu Tita, ((interferência da entrevistadora)). Não:::, não, ele ia pra lá, nós ficávamos comendo pipoca, tomando mate, e a gente oferecia pipoca e ele "não, guarda, o que sobrar vocês dão pra mim, que eu gosto de toma com café". Quer café, seu Tita? "Não, então faz uma coisa, me dá um pouquinho de café, um pouquinho de açúcar, um pedaço de pão, e eu levo pra casa, pra toma em casa" () comia pipoca, botava um saquinho pra ele, pegava pão, fatiava, dava pra ele, sabe?!?
2	56'35	Um pouquinho de açúcar, um pouquinho de café pra ele levar pra casa, ele não tomava café na casa dos outros, ele pedia pra levar pra casa, mas é tri

		massa, (uma vez eu tive lá na casa dele), ele é super simples, sabe?! Tri inteligente
2	58'49	A gente ia pra Pedro Osório fazercOMpras ((interferência da entrevistadora)) pra Pedro Osório () ah, fazia um monte de coisa, ((interferência da entrevistadora)) éh, éh, e a gente (juntava) folhinha naquela época () folhinha, aqueles calendário, sabe?!
2	62'06	A vó saía lá pra rua, procurava e não achava, ela entrava e nós “Dona (Enedina), D. (Enedina)” ((risos)) ai, () por bobagem, sabe , nós ria.
48	42'46	um ambiente calmo, tranquilo, e eu não gosto de...quase tudo que eu não gosto, ela assim não gosta também de juntamento assim, sabe?!
63	28'53	e tinha carreiras, mas as carreiras a gente olhava de lon::ge assim, né, porque...vamos supor quando:: quando tinha carreira assim, às vezes a pessoa não tinha nenhum calçado pra botar, então a gente olhava longe, olhava dumas barranca assim, a gente olhava as carreiras, né. Depois fiquei mocinha, um dia o meu irmão mais velho, que é o Ataíde, disse "não, vocês tem que ir, né?" Aí ele já tava namorando a lida, min/minha cunhada, aí nós começamos ir u..., ou às vezes nós ia, não apeava dentro da carroça, entendesse?! que a gente não tinha calçado pra botar na (tela), então a gente ficava olhando.
63	36'47	Aí eu já era moça, já era grande, já era quase na feição do tempo assim de de ele ir pro hospital, aconteceu tudo aquilo que aconteceu com ele que até hoje, até hoje assim eu penso que aquilo foi um erro muito grande do médico, ele era assim uma pessoa que administrava o que ele fazia e muito bem, entendeu?!
63	37'59	Eles eram bom, entende?! Porque eram muito amigo dos filhos.
63	38'06	amigo dos filhos demais, entendesse?!
63	42'05	Embora cuidando essa criança deficiente, mas eu não reclamo da vida, porque eu acho que todos nós temos que viver com a vida que nós temos, do jeito que a gente é, né, ninguém pode mudar o quadro que a gente tem, no caso, entende?!
63	42'23	Como tu vê, a Jenifer tá com catorze anos, eu cuido dela, ((interferência de uma terceira pessoa)) tá com dezesseis é! E eu cuido dela, né, cuido dela desde dois anos, então que...não reclamo porque eu acho assim, entende?! Que a vida é assim mesmo
63	42'58	Se eu tivesse condições de escolher agora assim, vamos supor, no caso, escolher alguma coisa para mim, era que eu tivesse condições assim de ter uma pessoa que pudesse pagar e dizer: bom, hoje essa pessoa vai ficar cuidando da Jenifer pra que eu visite os meus filhos, pra que eu saia em algum lugar porque eu não saio, entendeu?!
63	44'28	O pai teve colégio, a mãe também ((interferência da entrevistadora)) eles, eles estudaram () colégio assim, estudaram assim em colé/, não foi em colégio assim, tinham professores em casa, né, mas acontece que o meu, a minha vó, mãe da minha mãe, era uma pessoa que até não tava muito mal na vida, entende?!
63	47'00	Eu acho que a função da professora é assim, ela tem que dá um pouco de ripa na prof/naquele aluno que tá meio atrasado, que ele viu que não fez uma prova direito() porque não fez, né, o que que aconteceu () vivendo o lado da criança, eu acho que a professora tem que ser assim, entende?!
63	51'00	Ah, eu acho as pessoas pelotenses muito legal. Tchê, muito legal mesmo ((interferência da entrevistadora)) qualidade, defeito de quê, no caso, assim? Das pessoas ou de quê? ((interferência da entrevistadora)) eu diria assim que foi muito bom, porque eu gosto muito dos pelotenses assim, porque são pessoas muito boas, são muito bons assim, tu chega num lugar assim, eu...a gente é muito bem tratado assim pelas pessoas, né, principalmente eu, já fui

		<p>muito bem tratada em hospital, no lugar que vou assim, as pessoa são muito bons comigo, gente muito boa comigo ((interferência da entrevistadora)).Olha, sabe que eu também fui fazer a minha cirurgia de olhos, fui lá em Porto Alegre, eu fui tão bem tratada, só que lá assim é uma agitação muito grande, né, mas o hospital lá que eu fui, eu fui muito bem tratada, a gente/ encontramos gente boa, né, Carla?Lá, encontramos muita gente boa. Muita gente assim:: assim, até lá dentro da sala dos médicos assim, as enfermeiras e doutor tudo assim muito bom assim com a gente, né, que eu acho que,se eu morasse lá, me adaptava eu acho assim, né, entende?!</p>
13	12'18	<p>Todo mundo tem uma expectativa com relação a alguma coisa: a faculdade, ou uma profissão, ou uma namorada... com tudo, com a faculdade, com tua profissão, com tua namorada...a coisa muda de figura, contanto a figura desse objeto, né, (não que qualquer coisa seja objeto), mas da definição de objeto assim como algo que tu busca, como tu idealiza assim, aquilo muda de figura porque...aquilo se adequa a realidade (não é assim?) Pode ser uma coisa boa, ou uma coisa ruim, né, porque de repente tu tem uma fantasia:: completamente delirante (essa coisa), (a gente) ta buscando outra coisa, sei lá, então daí aquela figura muda e tu tem um choque assim, e tu sempre tem um choque, mas tu tem um choque pra pior, entendeu?!</p>
13	12'30	<p>(Aquilo) perde o encanto, só quando a figura muda de um lado positivo, tu descobre um encanto que tu não conhecia....entende?!</p>
13	13'12	<p>Por pura inércia assim, pura incapacidade de se mexer, entende?!</p>
13	15'37	<p>Não sei se não tem experiência, se aí vou ter passar, tu entende?!</p>
13	15'49	<p>Não descarto a possibilidade de ir embora, ((pausa 3s))entendeu?!</p>
13	18'39	<p>Ah, eu fui numa outra praia, pra mim é tudo areia e água igual, entendesse?!</p>
13	18'49	<p>Ah, eu vi cinquenta praias [...], o cara acordou cinquenta vezes a seis da manhã pra vê aqueles cinquenta água e areia que era igual, entende?!</p>
13	26'00	<p>mas eu não posso falar muito, porque eu não entendo nada disso assim, entende?!</p>
13	26'18	<p>A minha habilidade no computador vai diminuindo, tu entendeu?!</p>
13	27'11	<p>Não tem porque ter embarçado de saída, coisa, entende?!</p>
13	16'57	<p>Não se consegue pensar muito em se sair dessa cidade, sabe?!</p>
29	15'51	<p>É um espaço, uma área livre que tem aquele poste no meio, aquela placa, passa o trilho, tendesse?!</p>
29	16'51	<p>Meus amigos foram de idade assim, se eu tinha quatorze, eles tinham vinte, vinte e um.Eu sempre, sempre (sempre) me::: me relacionava com pessoas mais velhas, então acho que...que eu fiz que::: de alguma maneira entranhasse em mim alguma coisa assim, sempre a frente assim do que eu pensava, entendesse?!</p>
29	20'44	<p>Então, eu sei lá, eu começava:::muitos eu puxei pro meio tradicionalista assim, eu comecei a fala isso, aquilo, e aí já tava naquela noite meio bêbado mesmo, um cantava uma música, outro declamava uma poesia, não sei o quê, esse tipo de coisa fazia naquela esquina assim. Então, assim, uma esquina diferente, é uma esquina de uma vila, só que (onde) não rolava droga, não rolava nada, entendesse?!</p>
29	21'00	<p>Começou a rolar agora, a partir/ agora duns tempos, então é isso que eu achava interessante (né) nessa esquina. E dali assim, sei lá, até hoje (as vezes não tenho o que fazer), sento lá, fico olhando pros lado () é que assim, só te explicando a sensação que eu tenho de lá, entendesse?!</p>
29	21'11	<p>Não tem muito significado assim de como palavras assim, tem uma vivência, entendeu?!</p>
29	36'26	<p>Me chamou também atenção com os colegas, nesse colégio tinha muito</p>

		assim...é esquisito assim... é/era assim classe média, vamos dizer assim tá,?! Tinha gente pobre, sei lá, vamos deixar, vamos dizer assim seja todo mundo classe média assim. Sei lá, tinha muito mais marginalidade do que o colégio que era mais da periferia lá do Félix..., entendeu?!
29	49'01	Então aí, assim, eu peguei assim, já que eu peguei, assumi mesmo assim, aí eu comecei a gostar, porque, sei lá, eu comecei achar a coisa interessante, eu fazia análise das aulas, tipo colocar ali o que que ocorria, conflitos, assim como de racismo, briga, não sei o quê, coisas que as crianças me contavam dos pais. Então, comecei a ver problemas delas assim como é que eu vou poder resolver, essas coisas assim. Então de um certo modo assim, eu comecei a () não desenvolver só o esporte alguma coisa assim, comecei ver assim mod/ maneira de ajudar elas, entendeu?!
29	56'43	já fui a Porto Alegre, mas não nasci lá, não vivenciei nada lá, entendesse?! Só passei.
29	05'26	Quando criança assim, () como falei assim () chegar a adolescência, eu sempre brincava sozinho, não tinha amigo nenhum, era sempre assim, sempre sozinho. Aí de vez em quando tinha um vizinho meu assim, era uma relação assim, sabe?!
29	06'45	Outra coisa também que...foi assim...foi esquisito assim éh:::, assiméh:::, eu vi assim, lá mais ou menos também com onze, doze anos, (a gente não presta atenção em muitas coisa, né) e aquela::: aquele fato assim de mi:::/ de minha vó ter morrido e a gente ter mudado de vida totalmente, sabe?!
29	06'54	Eu morava junto com ela, no mesmo pátio, mesma casa... Aí, assim, eu sempre me dei como pobre assim, eu sempre morei assim, morava nos fundos da casa dela, com um chalezinho que tinha lá, sabe?!
29	06'59	Mas estranhei totalmente assim, eu saí, eu me mudei três vezes, mas sempre naquela mesma zona, sabe?!
29	07'13	Nunca, sempre no mesmo:::os meus amigos tudo assim criados desde pequeno assim, como... os que eu conhecia, né, assim. E aí, sei lá, eu saí dali eu::: sei lá, (vi brigas) () a vó morre, tem herança, e um briga por causa disso, briga por causa do outro, aquilo me chamou a atenção, sabe?!
29	07'37	E aí aquilo me levou me mudar pra outra casa, lá do outro lado que tem... a minha rua é assim, ela é um prolongamento, ela tem um trilho de trem que passa no meio, é um trem que passava. É, aí, eu, assim, eu não gostava do outro lado da rua por causa dos trilhos, não sei porquê. E aí tive que morar ali, e morei ali até agora, tô morando ali agora, mudei de casa de novo, (vou pra uma casa melhor) agora (sei que eu mudo), continuei sempre ali, sabe?!
29	07'40	Mas assim, eu achava assim, como é que eu vou dizer assim, é a mesma coisa do que tu ter um carro sabe?!
29	10'35	Eu tava no último ano do primeiro grau lá acho, é que/o () eu uso assim o primeiro grau assim, porque é o momento que eu gravei assim, (não sei a idade certa, quatorze, treze), foi quando morreram dois amigos meus, ali no arroio, como a gente mora perto do arroio o pessoal (naquele negócio de) tomar banho no arroio não sei o quê, isso, aquilo. E foi uma coisa assim, sabe?! Até hoje tem um problema que enfrento na faculdade assim, até quando chegarna faculdade eu ia lembra disso, () eu não sei nadar...
29	17'23	Eu sempre tive assim uma coisa em relação...um respeito que a gente tem com as pessoas assim, às vezes a gente não tá muito interessado no que...no que...deve assim...a pessoa nos conta, mas (é sempre assim) eu tento pelo menos ouvir assim, sabe?!
29	17'25	Acho que é uma forma de ser amigo da pessoa assim, sabe?!
29	17'33	Ainda mais que é uma coisa assim que eu sei que vai ser assim benéfico pra ela, sabe?!
29	18'06	Então é assim é::: eu ouvia (é que assim)..., chegava (Sandro) amigo meu,

		mesmo assim, que ele é assim...agora com a faculdade e tudo, é::: agora não tô trabalhando, mas na época eu trabalhava que não parava mais em casa, né? De vez em quando eu chegava da rua, lá por onze horas, e tudo assim () sei lá, tinha alguém, tinha o Sandro mesmo que andava sempre sozinho também assim, sei lá.Tava com algum problema e conversava com ele e tudo, sei lá.Até a última agora quando eu falei com ele, ele tá com problema, que a mãe dele tá com câncer, não sei o quê, aquelas coisas assim e ele...ele é um cara que ta sempre comigo, sabe?!
29	18'11	Ele é mais meu irmão assim do que aquele meu irmão de sangue, sabe?!
29	19'52	Comecei a participar de C.T.Gs, grupos culturais, essas coisas assim, sabe?!
29	21'59	Então rolava muito assim, sabe?!
29	22'07	Quando mexiam comigo era certo, saia assim, sabe?!
29	22'19	Eu é difícil de estourar assim, sabe?!
29	22'49	Mas era assim, sabe?!
29	23'16	Eu tentava participar de tudo de uma boa forma, sabe?!
29	23'27	Eu era sempre protegido de certa forma, sabe?!
29	25'00	Por eu ser quieto mesmo, eu achava assim que muitas pessoas não se lembravam de mim, sabe?!
29	25'04	Próprio Renato mesmo, que era um cara esquecido, esquecia até o próprio nome, sabe?!
29	25'21	Fui lá dá uma olhada, sabe?!
29	27'25	Sou muito assim preocupado, sabe?!
29	27'30	Quando eu olho assim certas coisas assim, sabe?!
29	27'33	Me preocupo demais mesmo, sabe?!
29	31'10	Que na hora eu pensei assim, sabe?!
29	31'19	Toda vez que eu não fui honesto eu paguei por isso, sabe?!
29	31'27	Valeu mais assim, sabe?!
29	31'28	Foi uma prova assim, sabe?!
29	31'34	Eu botei oito, eu queria bota dez, não botei, botei o oito, levei dez igual, sabe?!
29	31'44	Depois tu tirei uma conclusão, sabe?!
29	35'11	Ele ensinava as coisas de forma diferente, sabe?!
29	35'21	Eu sempre tive um relacionamento muito mais de amigo assim com os professores, sabe?!
29	35'34	Eu chegava atrasado sempre na escola assim, sabe?!
29	36'00	Me ajudava assim mesmo, sabe?!
29	37'20	Faziam coisas horríveis assim... sabe?!
29	37'26	Ali eu aprendi bem selecionar bem assim, anda com quem ou não anda, sabe?!
29	39'05	Eu tenho condições como eu tenho até hoje, eu aboli, hoje aboli de festa, aboli de tudo, que...que seja necessário dinheiro, pra poder estudar. Que eu sei que eu tenho assim é o seguinte...claro que se eu consegui arranjar um trabalho, tô de saco cheio também de não um...acostumado a ter um dinheiro meunão sei o quê. Mas eu penso assim que quando começo a me desesperar, começo a me revoltar que eu...sei lá...que eu não posso sair, que eu não posso fazer aquilo, que eu não posso namorar direito, porque eu tenho a faculdade e eu não sei o que/que e eu não posso trabalhar, não arranjo emprego por tal coisa assim, sabe?!
29	39'27	Começo a me estressar, não sei se tu entende como é que é. Aí eu começo a me lembrar assim, (pá!) o que que eu quero da vida. Começo a puxar de

		novo qual é o meu objetivo, começo me lembrar do meu objetivo que eu tinha que era estudar, né, que a gente esquece, às vezes. Então, eu paro assim, vem a revolta, começo me lembrar o que que eu quero, aí eu volto ao normal de novo assim, não!Tenho que estudar e vou aguentar. Passo...passaram dois anos ainda, um ano e meio já, daqui a poucotô na metade do curso, tô acabando e aí eu vou trabalhar, sabe?!
29	39'57	Então, eu trabalhei assim, no segundo grau, eu trabalhei no::: numa transportadora, numa distribuidora de frango.Eu era ajudante, descarregava o caminhão. E assim, foi::: uma situação nova assim porque eu me senti estranho no trabalho, não me habituava, não assim que fosse...encarava o trabalho assim tudo assim, mas eu sempre assim, não que eu trabalhasse de má vontade, eu não me acostumava com o cara que trabalhava comigo, o motorista. Então assim, eu não me adequava ao lugar, sabe?!
29	40'00	Eu fazia as coisas assim, sabe?!
29	42'19	Então eu aboli daquilo tudo que eu tenho assim....a vida/assi/aque/...aquela parte assim de namorar, ter que sair e gastar, sair, ir pra baile, ir pra coisa, tudo isso aí eu aboli.Eu não te/..eu resolvi assim deixar mesmo de lado ((interferência da entrevistadora)), é uma coisa meio estranha assim ((interferência da entrevistadora)). Na/não, não é torturando, eu sei que...que não dá certo, todas as vezes que eu::: todas as vezes que eu saía assim, que eu::: sei lá, que eu co/co/começava me comprometer assim com::: com namorada, essas coisas assim, eu começava ten/ti/ sempre tinha um outro lado da::: minha::: da minha::: vida assim que não... que não ficava bem assim () na escola, alguma coisa assim, sabe?!
29	44'02	Todos eles assim até hoje nunca::: assim, nuc/nunca tive dúvidas quanto a amizade deles assim. Eram pessoas, sei lá, o ambiente acho que ajuda (), esse tipo de ambiente assim do G.T.Gs., assim do...acho que não tem...()não é que nem uma discoteca que tu vai que é só jovens, não sei o quê.Me dava com todo tipo de gente, tanto que eu, sei lá, eu tenho muitos amigos assim, sei lá, de trinta anos assim, tanto faz assim, sabe?!
29	44'52	Então, aí/e/ah, comecei aprent/aprender muita coisa assim, sei lá, como é na::: como te disse assim, experiências assim que eu::: na Esef assim eu tenho dificuldade aquela coisa de esporte, dança, foi aí que eu comecei a despertar pra esse lado assim da...das artes assim, dançava::: comecei a:::, sei lá, dançava dança gaúcha, dança argentina, malambo, essas coisas assim, sapateado.Aí comecei a ir pra::: aí com/ não/na/não me deixou (com tanto medo) de ir pra Esef, que na Esef (eu tenho) essa parte de dança também. Tá, e foi assim::: e foi...daí eu conheci gente diferente também, tinha, até então eu tinha a escola, tinha aqueles amigos na volta de casa, pessoas bem diferentes também. Uma coisa também que me ajudou muito assim a entender as pessoas, é assim, é tipo, assim a variedade de pessoas que eu conheci em sociedade assim, sabe?!
29	56'02	Porque é toda outra cidade que eu vou é...eu sinto uma diferença enorme, sabe assim, mais difícil entrar...
29	53'21	Alguma coisa pra fazer na festa, visse?!
70	01'20	Como toda criança criada de chácara, a minha mãe mantinha (certo) controle, mas a gente tinha mais amplitude, né?!Tinha...a chácara tinha galpões, tinha animais, tinha diversos animais na volta da casa, entendesse?!
70	03'43	Eu me lembro muito assim das paradas da juventude que a gente..., entendesse?! A gente se divertia muito toda semana da pátria naquela época, desde...desde os desfiles em si até as bancas que tinham na avenida.
70	09'30	Eu gosto, mas sou muito comodista, depende da viagem ((risos)), entendesse?!
70	11'15	A gente ouvia os professores dizer que o quinto ano era o pior, que a odonto

		na época era quatro anos, parece que agora ainda é mais vai passar para cinco, se já não passou, seriam dez semestres, né?! Mas na minha época eram oito semestres, mas era... era anual, então era quatro anos, e tudo que é professor dizia que o quinto ano era o pior, que aqui não tinha futuro, então isso eu já ouvia há trinta anos, acho que futuro tem sempre, desde que a pessoa saiba encarar com entusiasmo, entendesse?!
70	22'16	Desde da divulgação até a própria feira, eu acho bonito, entendesse?!
70	22'36	Acho que isso aí é a raiz da autoestima de tudo, entendesse?!
70	24'08	A procissão da nossa senhora dos navegantes era uma maravilha, muito bem feita muito bem realizada, hoje parece uma coisa assim rápida e... entendesse?!
74	0'43	Tem verdadeiras obras de arte aqui, que as pessoas desconhecem, desconhecem, né?! Uma biblioteca pelotense, uma biblioteca maravilhosa, um::: museu:::ãhh:::A dail Bento Costa, fantástico, e todo quarte/toda:::lado da praça, fantástico, fantástico, enfim...milhões e milhões de lugares maravilhosos, praias maravilhosas, né?! Uma colônia também fantástica, mas as pessoas não dão o devido valor, né?! Não dão o devido valor, mas eu gos/acho Pelotas uma cidade que a gente ainda tem esperança, tem esperança, entendesse?!
74	4'59	Há um empobrecimento, mas as pessoa/as lojas tão sempre, sempre, sempre, assim, naquela coisa, aquela ansiedade, aquela ansiedade, isso aí é muito mais, não é/a gente não pode olhar assim, a coisa assim. Ah::: meu Deus, não tem o que comer e tão vendo loja, não é isso aí, isso é uma/um/um::: problema ãh::: psicológico e que não cabe a nós...ãh::: julgar, entendeu como é? Isso é muito, é muito, mUlto mais profundo isso aí, é muito mais profundo... né?! Essa ansiedade que as pessoas tem, né, essa ansiedade que as pessoas tem de comprar...agora há um::: acho que há também um empobrecimento, assim, como é que eu vou te dizer, na parte da cultura, né, empobrecimento total, total, total, total, total! As pessoas podiam::: enveredar pelo caminho da arte, tu entendesse?!
74	5'31	A gente vê mesmo aqui, há pouco tempo::: aqui em Porto Alegre, crianças de::: vilas, de::: de malocas, né, (na vila, mesma coisa) malocas, né?! (Domingo assim) e/e descobriram os talentos de::: como é que vou te dizer, de::: dança, dança clássica, verdadeiras, verdadeiras maravilhas, e foram para Europa, tu entendeu?!
74	5'38	Foram pra Europa, crianças...né, aqui, né, pra::: Europa, já foram, tu entendeu?!
74	09'15	Então nós fomos nos estabelecer lá na XV de novembro, esquina Benjamin Constant, uma localidade, assim, uma::: um local de::: de residências, assim, muito boas, né, pessoas muito boas, e::: E lá a gente se relacionou muito bem com os vizinhos, naquele tempo, não sei como é hoje também, mas havia um relacionamento muito íntimo entre as vizinhanças, né?! E::: e a gente::: e era interessante, que era uma casa muito alegre, a nossa família. Nós recebíamos o pessoal de fora, os parentes, aquela coisa toda, a gente não era muito diferente de hoje, não é?! Então a gente recebia os parentes de fora e tal, e::: era uma casa cheia de alegria, cheia, cheia, cheia de alegria, sempre tinha lugar pra mais um. E::: e ass/ac/aquela quantidade de moças e rapazes, aquela coisa toda atraia também as pessoas que não eram daquela localidade, entendeu?!
74	11'38	Havia uma afinidade muito grande na vizinhança, entre os problemas, entre a alegria e a tristeza também, por exemplo, qualquer sofrimento daquela família, a gente, agente também ah...compartilhava, vamos dizer, não sei se é a expressão certa, né, e as alegrias também, né?! Era um momento muito, muito agradável. Agora mesmo, hoje é o dia do amigo, e a minha irmã estava

		telefonando pra amigas de nossa infância, né, tava telefonando pras amigas, eu não sou muito de...de dia do amigo, dia disso, porque acho que todos os dias são, né, () isso acho que mais é, como que se/ mercado, mercado de...pra vender, coisa assim, né?! Mas, cada um pensa como quer, mas eu acho que...entãoa gente tem essas amigas, entendeu?! de infância, de juventude, e a gente conserva essas amizades até hoje.
74	19'07	E lá em Buenos Aires, a gente/eu ia muito, muito, não, exagero; mas ia sim::: teatro também. Assistimos uma peça::: uma amiga e eu assistimos uma peça maravilhosa (como é aquela atriz que morreu), não consigo me lembrar, ((interferência da entrevistadora)), ela era cantora lírica, Maria Callas, fantástico, nós assistimos uma peça, fantástico () concerto, e::: assim a gente viajava muito, entendesse?!
74	21'53	Eu já tirei cursos de literatura, pretendo tirar outros, se Deus quiser.Só tirei um, pretendo tirar outros, mas esse aqui eu escrevi () eu não tinha tirado literatura, só que eu não sou, eu não sou uma pessoa disciplinada, então, é::: eu não gosto muito () aquilo, quando eu era criança, lá, feitoria, isso aqui é lá na feitoria. Então, eu não gosto muito de::: de::: muita técnica, entendesse?!
74	23'09	Então, isso aí eu escrevi num momento, na saída de (usdetem), entendesse?! Na Europa
74	23'44	E depois quando eu fui fazer o outro livrinho, entendesse como é?
74	24'29	As coisas me dão muito assim na madrugada, que/que me dá o/ mas como eu durmo com a minha irmã do lado, eu não gosto de acender a luz, então eu escrev/ às vezes eu tô em () (como é que se diz, nas escuras).Essa aqui eu escrevi numa viagem, né, mas muitas coisas que tu vai (vê) aqui, eu escrevo assim, por exemplo, num estado quase que::: não sei se chama letárgico, sei lá como é que chama o estado ((interferência da entrevistadora)) é (), então eu escrevo aquilo ali, no outro dia pra ler aquilo tudo é brabo, entendesse?Édifícil, né?!
74	26'53	Como era mais ou menos, inclusive aquela parte (pra atravessá) tudo, tudo, aquelas... aí a gente ia até lá (perto), então os turistas tão visitando, né, então, o/o/a, começa primeiro as fotografias e eu::: o::: o rapaz tá falando lá, () tava explicando, né, e a gente foi vendo assim () vai ouvido, porque tá em alemão, tava ouvindo a tradução e vai olhando, né?! Então, tava eu, o marido da minha amiga, que era militar, e ela e um monte de pessoas, turistas, e eu fui olhando, fui olhando, tá, mas aí no olhar, eu comecei a me... meprojetar aquela amargura, entendesse?!